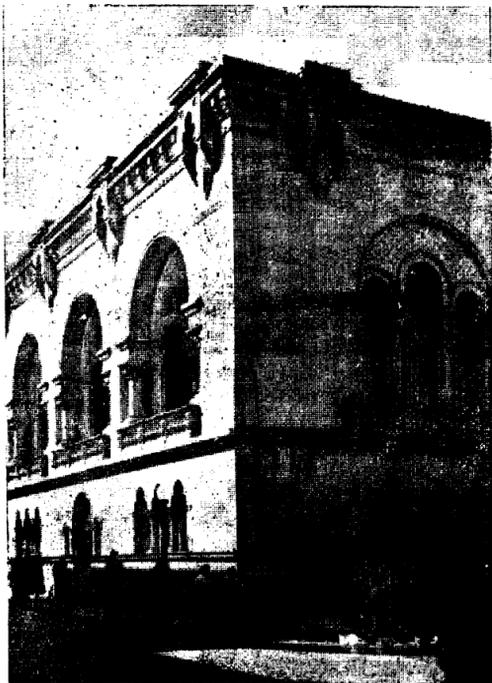


Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
 Redacção e Administração:
 Rua da Rainha, 56-A
 Telef. 4315

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
 Telef. 4381
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —



Edifício da Sociedade Martins Sarmento

Um acto dignificador e nobre que distingue a Soc. Martins Sarmento

A. L. de Carvalho.

O sr. Dr. Rafael Falcão Leite veio do Estado de S. Paulo (Brasil) fazer entrega ao Museu Arqueológico de Guimarães de duas jóias arcaicas «de um valor estimativo, artístico, histórico e arqueológico incalculável».

Este acto de elegância, não vulgar, é como que o cumprimento de uma vontade algum dia, já longe, expressa pelo nobre espírito de um português de lei — o intelectual, o investigador Ricardo Severo, que foi amigo pessoal de Martins Sarmento.

«A formosa dádiva — como diz o sr. Coronel Mário Cardoso — representa uma homenagem à memória do sábio Martins Sarmento, que foi um dos melhores amigos e mentor espiritual... dos fundadores e redactores da *Portugália*».

Para que se aquilate da importância desta notável publicação, de há mais de meio século, basta dar aqui o escol de intelectuais e homens de ciência que constituía o seu elenco directivo, como foram: Ricardo Severo, Rocha Peixoto, Sousa Viterbo, Fonseca Cardoso, José Fortes, Manuel Monteiro, e os nossos vimezanenses Martins Sarmento e Alberto Sampaio. Os seus objectivos, de profundo sulco nacionalista, visavam o alevantamento da grei portuguesa nos domínios superiores da Arte, da Ciência, das Letras, nomeadamente no ramo da Etnografia — que é a história e o saber do Povo.

O acto, pois, agora praticado, vem como que a dizer-nos, a nós vimezanenses, o prestígio extraordinário que frue a instituição que tem como Patrono o nome excelso de Martins Sarmento. Esta glória — que não tem sido esquecida, antes exalçada e sempre posta em relevo pelos bons e esclarecidos filhos da terra — jubilosamente a vemos dignificada e servida neste momento por uma dádiva de alto valor — aquele valor, sem preço, que promana de tudo quanto encerra espiritualidade e grandeza moral.

Perante um mundo que se amesquinha e conturba de egoísmos soezes, o acto de que se desempenhou um membro da Família do Eng. Ricardo Severo é ainda — louvado Deus! — uma clara prova de que nem tudo é corrupção e, aqui e ali, brilham comentamentos de singular magnitude para honra da sociedade presente.

Enriquecido agora o nosso Museu Arqueológico com mais estas peças raras, de ourivesaria arcaica, é evidente que o nosso património de valores do passado mais se impõe à admiração de quantos, nacionais e estrangeiros, aquilatam o valor das terras que guardam e veneram esses tesouros, marcando-os nos seus roteiros como centros de atracção e estudo.

Jubilosamente destaca o gesto da oferta prestimosa, a qual, a par do seu incalculável valimento, traz consigo o timbre da nobre amiza-

de que uniu na vida dois vultos da ciência, e que a dignidade, a fidelidade de carácter da Família Ricardo Severo respeitou.

Aprendamos neste exemplo a grande lição moral que representa a entrega das jóias arcaicas à Sociedade Martins Sarmento, fazendo de nossa parte, quanto possamos, por ser reconhecidos. Esse testemunho podemos oferecê-lo, promovendo uma manifestação de homenagem a Ricardo Severo, agora que se vai celebrar o Centenário desse notável português, a quem a cidade de S. Paulo (Brasil) deve o seu plano urbanístico de grande cidade moderna.

AS ANDORINHAS VOLTARAM!...

Saudemos as andorinhas!...

A grande e pequena imprensa saúda, sempre saúda, em mais ou menos linhas, as retornantes, eternamente retornantes andorinhas!...

Chamam-lhes uns, as alvi-negras escapulárias do céu, as preanunciadoras da Primavera; outros, as mansas, doces mensageiras do Amor e da Alegria!...

Sim. Do Amor e da Alegria. E porque não da Saudade?!... Sim. Do Amor, da Alegria e da Saudade.

A Saudade é Amor-ausente; a Alegria, Amor-presente!... A vida — nossa e delas as andorinhas — é feita de luz e sombra, de sombra e luz...

Sem terreno comando, elas vêm e vão, elas vão e voltam... Bemvidas sejam!

Indiferentes às mais estupendas invenções humanas, demandam as andorinhas longos, oceânicos cruzeiros, para, sob nossos beirais, — acolhedores, minhotos beirais de lusa rusticidade, — os ninhos fazerem... aqui completando seu lindo e fecundante sonho de Amor!...

Alguns meses decorrem... E, por manhã ou tarde outonicias, elas de novo se vão, saudosamente se vão!... — para voltarem...

Bemvidas sempre sejam as andorinhas — alvi-negras escapulárias do céu, preanunciadoras da Primavera, mansas, doces mensageiras do Amor e da Alegria, aladas romeiras da Saudade, da lusa Saudade!...

ALBERTO DE MACEDO.

Assinal o Notícias de Guimarães

Temas urbanísticos

A PRAÇA DO IMPÉRIO

e o Padrão dos Descobrimentos

Correia da Costa.

Debate-se actualmente nos meios culturais e estéticos da capital, um problema de grande transcendência urbanística. Movimentam-se e discutem-se teses e antiteses.

Põem-se em contraste os pontos de vista A B e C, supunhamos, que convergem todos sobre a harmonia, o conjunto e a complementação da praça que se vai construir em definitivo, diante da majestade manuelina dos Jerónimos de Boytac, seu glorioso arquitecto e construtor.

Uma cidade pertence a todos, desde os que foram até aos que são. Desde os que após o terramoto de 1755 até hoje acompanham o embelezamento desta cidade, cujas perspectivas se harmonizam num conjunto maravilhoso visto do rio lendário.

Ora, exactamente o Mosteiro dos Jerónimos, pela sua majestade e inconfundível perfeição, constitui um todo harmónico que deve ser salientado e embelezado pelos fundos, pelos lados e pela perspectiva de conjunto, quando se observa do rio ou da linha do caminho de ferro do Estoril. Com a Torre de Belém e a capela manuelina sobranceira aos Jerónimos, o mosteiro constitui, na sua totalidade, um fundo monumental de intraduzível harmonia.

Vai-se construir, na projectada Praça do Império, um monumento devido ao escultor Leopoldo de Almeida e que pertenceu à decoração do fundo da Exposição dos Centenários de 1140 e de 1640, realizada em 1940. Pela ordenação dos seus motivos arquitectónicos e morais esse monumento decorativo, mereceu as honras dum conjunto apreciado.

Mas enquadrá-lo agora numa decoração urbana, como é a Praça do Império, constitui um motivo de discordância quase geral, avultando entre os elementos discordantes, críticos de arte, estetas e escritores de bom gosto. Adriano de Gusmão que é um dos mais responsáveis críticos de arte *up-to-date*, manifestou numa síntese corajosa o seu ponto de vista, que transcrevemos na íntegra:

«Sem entrar em considerações, que de mais estão no espírito de todos os que se interessam pela vida nacional, acerca do monumento comemorativo dos Descobrimentos ou ao Infante D. Henrique, venho apenas manifestar a minha estranheza pela resolução de se erigir em Belém o Padrão exposto em 1940.

Esse Padrão figurou provisoriamente numa exposição temporária. Era esse, na verdade, o carácter da obra ali posta junto do rio, e que mostrou à sociedade ser incompatível com a monumentalidade dos Jerónimos e da Torre.

Com efeito, em Belém há esses dois monumentos *autênticos* respeitantes aos Descobrimentos. Não cabe lá mais nenhum do nosso tempo. E isto é tanto mais manifesto quanto mais se prezar a Tradição. Em segundo lugar — e que é o mais importante — há a considerar o seguinte: a escala. Nenhum arquitecto ou técnico responsável a pode esquecer ou desprezar. A escala é *essencial* em problemas desta natureza. Os Jerónimos e a Torre são *monumentais* por si próprios, à escala do homem-indivíduo. Estão naquela ordem de grandeza que têm afinal todos os grandes e famosos monumentos clássicos. Por consequência, terão de ser vistos isolados para que toda a sua expressão monumental se conserve.

Ora, reerguer-se em Belém o velho Padrão de há cerca de 20 anos é ir fatalmente *amesquinhar* toda essa superior grandeza dos incomparáveis monumentos manuelinos. A melhor maneira de o nosso século homenagear a memória dos nossos antepassados que realizaram a epopeia dos Descobrimentos é *valorizar* esses mesmos monumentos pelo desafogo de cada um deles, eliminando o que por erro ou distração se consentiu conspurcasse a sua *beleza*: torres metálicas de iluminação por detrás dos Jerónimos, guaritas de cimento armado, etc., etc.

E valorizar urbanisticamente a zona de Belém não é colocar, per-

mitar as instâncias oficiais dizê-lo, um Padrão que irá entrar em competição de alturas — já não falo em valor estético das formas — com o que portugueses mais artistas e coerentes com a sua época construíram tão harmoniosamente.

Se se quiser reviver esse Padrão-fantasma, que se coloque então noutra sítio, no Bugio, no Espichel, na Roca, ou até, por exemplo, em Almada. Em Belém é que *nao*. Assim o pensam e sentem certamente os artistas e todos os que enfim não sejam destituídos de sensibilidade e cultura artísticas. Esperemos ainda que superiormente seja ponderado o caso e se estude o arranjo de um local mais aconselhável que o de Belém para saldo de tão dispendiosa dívida em curso».

Concordamos amplamente com o seu ponto de vista opinativo. Tudo menos colocar esse padrão dos descobrimentos num ambiente contra-indicado. Todo o fundo dos Jerónimos, que o Tejo balisa e defende, na integridade das suas linhas arquitectónicas, repudia esse padrão geométrico e triangular, que não define nem totaliza a ideia geratriz dum monumento definitivo, à gesta heróica e científica dos nossos descobrimentos dos séculos XIV, XV e XVI.

Toda a Praça do Império, a realizar-se o seu complemento de construções laterais, ficaria perfeita com a erecção dum obelisco no género dos egípcios, gregos e romanos, que não interrompesse o embelezamento do conjunto e desse ao Mosteiro dos Jerónimos visto do Rio, da margem esquerda, do Bugio e da Barra, a sua monumentalidade, a sua totalidade e a sua perfeição. O ambiente dos Jerónimos tem de manter-se fundamentalmente manuelino e desdobrar o seu conjunto diante do rio camoneano, latino e lusitano.

O ambiente dos Jerónimos, repetimo-lo, é dum traço inimitável e uma das mais perfeitas *mise-en-scènes* decorativas que se possam imaginar ou visionar. Mereceu a homenagem dos nossos melhores críticos da especialidade e de estrangeiros ilustres, cuja lista seria desnecessária.

Possue, portanto, a sua monumentalidade, a sua unidade, a sua imponência decorativa, que devem subsistir, respeitando-se assim uma obra total que a todos pertence e que vem desde os alvares do século XVI e do seu período áureo. Levantar um padrão cuja arquitectura se não coaduna com o conjunto, quebrando-lhe a linha geral e a visão do rio, não tem lógica nem obedece às regras da harmonia.

Ou deixar a Praça do Império nua e ajardinada com perspectiva para o horizonte fluvial ou quando muito colocar ao centro um obelisco simbólico, que não desarmonizasse do conjunto manuelino.

Sindicato Nacional dos Caixeiros

Ao abandonar, agora, a direcção deste Sindicato Nacional, o nosso prezado amigo sr. Manuel de Castro Ferreira, dignou-se endereçar-nos o seguinte ofício, que nos apraz registar e agradecer.

«... Sr. Director do «Notícias de Guimarães» — Guimarães.

... Sr.

Ao afastar-me da presidência da Secção de Guimarães do Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Braga, no findar do triénio para que fui nomeado, é meu desejo agradecer a V. ... todas as atenções que no decorrer desse período me foram dispensadas e que tanto contribuíram para o melhor desempenho das minhas funções.

Agradeço, pois, me subscrevo com os melhores cumprimentos

De V. ...
 A Bem da Nação
 Guimarães, 19 de Fevereiro de 1958.

O Presidente da Direcção,
 a) Manuel de Castro Ferreira».

Epistolário Sentimental

Carlos Carneiro.

Elizabeth

Minha Querida Amiga:

Vou-te falar da Elizabeth: Uma figura irrea, magra, duma palidez de luar, olhos velados e fixos olhando um mundo inexistente, olhando mais para dentro do que para fora, mãos longas e ossudas, cabelos ruivos, cor de ferrugem, sempre ausente essa rapariga de quem sou profundamente amigo. Vem ter comigo e diz-me coisas incríveis de irrealidade, divaga, nunca sabe as horas nem os dias, fala de coisas que não existem, porque ela própria não tem existência verdadeira. Ser astral, imaginado, mais visão que vida: Ante-ontem jantámos juntos num pequeno restaurante, «La 4.ª República», na rua Jacob, uma velha rua cheia de Bric-à-Brac e de lojas de pintura. Sentou-se e quase não deu uma palavra. Depois, ao olhar-se ao espelho, quando enrolava à volta da cabeça uma echarpe de gaze roxa que lhe aumentava a palidez, monologou: «Oh como eu enuecheço! E' a podridão, o Fim!»

Está doente; febre, dores horríveis de cabeça, os nervos desfeitos e não quer tratar-se, recusa-se, recusa-se e quer viver, viver vertiginosamente, imaginando mil coisas que não fará, porque tudo nessa rapariga é sonho irrealizável.

«No teu jardim, debes ter rãs, rãs verdes, e um lago com nenúfares, e nas noites de luar, lá em

Portugal, ouvir-se-á o coxar das rãs e o silêncio da água» — diz-me Ela com uma voz de sombra.

Anda como uma gaviota, levemente, como se não pisasse o chão.

Acompanha-a na noite e deixo-a a um ângulo do Faubourg St. Honoré. «Au revoir Carlos, au revoir», desenha no ar um gesto lento de despedida terna e desaparece diluída nas luzes e nas sombras.

Fico a olhar o lugar onde a vi desaparecer e a perguntar a mim mesmo se a vi ou se foi imaginação. Não sei, nunca sei. Depois regresso a casa a pé, Concorria, Cais deste Sena doirado pelo inverno. Atravesso a «Pont Neuf», passo pelo Instituto de França, que tem qualquer coisa de fantasma roxo na noite; passo pelos escarpates de ferro verde dos legendários «Bouquistes», fechados aquela hora com grossas traves de ferro ferrugento. Placa St. Michel, cafés iluminados, lojas, vitrines, gente. Não acordo: Subo a velha escada do meu Hotel; primeiro andar, quarto número trinta, duas janelas rasgadas sobre a Notre-Dame, mais pontes, automóveis, faróis a reflectirem-se no pavimento húmido, traços de troncos de árvore sem folhas; acabou o dia, anseio um outro, nova alvorada, novo sonho!

Paris, Fevereiro de 1958.

ASSIM SE SERVE O TEATRO

E' este o título de um artigo, subscrito pelo sr. Eduardo Cerqueira e publicado no nosso colega «Litoral», de Aveiro, a propósito da *Companhia Rafael de Oliveira*, que com tanto êxito está actuando entre nós, no seu Teatro Desmontável, instalado na Parada dos Bombeiros.

São desse artigo as seguintes passagens, que transcrevemos gostosamente e com a devida vénia:

«Este conjunto de probos profissionais presta, na sua digna modestia, um inestimável serviço ao teatro nacional, procedendo como efectivamente interessa.

O termo que, a meu ver, melhor define esse grupo de actores devotados à sua profissão é — a hon-

radez. O que fazem é a sério — e bem. Não atiram poeira aos olhos dos espectadores para alcançar êxitos fáceis de bilheteira; não se deixam arrastar pelas predilecções populares; não transigem com a depravação e o aviltamento da sua arte. Fazem teatro, decerto, para agradar ao público, mas com o consciencioso propósito de a si próprios se satisfazerem.

Algumas das mais de quarenta peças que constituem o seu vasto repertório têm características mais populares — estarão, porventura, banidas de conjuntos de maiores responsabilidades. Mas esta Companhia actua até em meios autenticamente rurais, onde é conveniente, digamos, começar pelo princípio — e esse é um dos seus méritos mais relevantes na missão que se traçou de difundir o gosto por essa arte que anda de costas voltadas para as genuínas camadas populares.

O seu teatro desmontável, neste aspecto, funciona como as antigas escolas móveis, que levavam a base da instrução aos pequenos meios e lhes abriam novos horizontes e possibilidades de valorização.

Mas este conjunto timbra e faz gala em captivar a atenção e o apreço das gentes mais cultivadas das terras por onde passa, daqueles que, em face de um teatro ambulante e de aspecto precário, os recebem com reserva e indiferença e, acaso, com desdém. E acaba, não digo por deslumbrá-los, mas por conquistar a sua simpatia, admiração e aplauso, e por torná-los dos seus mais fiéis espectadores.

Aliás, tem actores e tem conjunto. Não desvirtua textos nem as intenções dos autores, dá os ambientes apropriados e prima pelo equilíbrio e a compostura.

Assistimos a representações, sem sombra de dúvida com muito maiores méritos e maior probidade do que as de muitas companhias de nomeada, ou, pelo menos, aureoladas com nomes de grande notoriedade — e que nos têm causado, e a todos que prezam os valores do espírito, franca desilusão e desapontamento.

Aplaudimos trabalhos que não muitos artistas nacionais dariam com maior propriedade, maior po-

GAZETILHA

Os «borrifadores»...

Ai! há quantos, quantos anos, que eu vos ouço soluçando a caminho do saudoso, do meu carinhoso Lar...

Vai há vinte, vai há trinta, nem eu mesmo sei já quando, — ó meu velho zelador que, triste, me estás fitando, canta-me doces cantigas, p'ra que eu me volte a lembrar...

Dei a volta pelo mundo, dei a volta pela vida, e sempre aqueles chorões com decepções, em pesar... O' cândida, ingénua alma, que andas tão desiluída — meu velhinho guarda-chuva, de farpela tão dorida, canta-me tristes cantigas, das tais de fazer... pingar!...

Canta-me brandas cantigas, manso, manso, muito manso, tristes, tristes, muito tristes, como à noite as canta o mar... — Conta-me etéreas cantigas, para que eu veja se alcanço que aquele caleiro durma, ele enfim tenha descanso, quando o zelador, em breve, a garganta... lhe apertar!...

Confessando o plagiato:

Origão.

Sermões Quaresmais

Pelo P. Manuel Matos.

A mão na consciência dum jornalista

EXÓRDIO GERAL

— Alerta! alerta! a vida é curta... a morte é certa...

Era assim que um cozinheiro do Seminário da Tamanca, em Braga, à volta de trinta anos, empoleirado nos ramos duma noqueira que havia no recinto do recreio, apregoava em vozzeirão enorme, longo e tenebroso, às nove horas da noite em todas as sextas-feiras da Quaresma, servindo-se dum «embude», nome que ele dava a um funil de larga bocarra...

E a sua voz ecoava ao longe, para os lados de Fraião e Tenões, levando o pregão do Alerta... para que os pecadores fizessem penitência...

Eu também queria dispor dum funil e ir ali para o alto do monte de S. Roque, voltar-me para a cidade de Guimarães e gritar a ple-nos pulmões, para ser ouvido: Alerta! Alerta! a vida é curta e a morte é certa...

E desejava que a minha voz entrasse nos teatros e nos cinemas... nas fábricas e nas oficinas... nas casas dos pobres e nas dos ricos... e a todos lembrar que a vida é curta e a morte é certa...

Não é com a curteza da vida, que muitos desejam aproveitar para mais sófregos desvarios, nem com a certeza da morte, que tantos querem ignorar para mais regaladamente gozar a vida, que eu desejo ocupar-me no sermão de hoje.

O que eu queria era pôr a minha mão na consciência dos leitores, limpá-la do pó, avivar algumas feridas aparentemente cicatrizadas... e fazê-la dar um «guincho», um «ai!» que doi tanto!... enfim, despertá-la do seu sono...

E se me derem licença, eu entro hoje, de preferência, na consciência dum jornalista...

Ele dorme... e ela também... Deixemo-lo dormir. Com ela nos ocupemos.

— Bum dia, minha senhora...
— Bom dia, prégador...
— Da-me licença?
— Queira entrar... Entre e sente-se...

— Não; não posso sentar-me...
— Fale, então...
— Tenho lido os escritos do seu patrão, aprova-os inteiramente?

A função jornalística é nobre por essência. Ela tem por objectivo fazer luz nas almas, esclarecê-las, instruí-las. Não pode desempenhar o papel de semente de zizânia no meio do trigo virente e prometedor.

Ora temos constatado, com magoado sentimento, que há uma tendência para semear discórdia, mal-entendidos, inimizades, escândalos, servindo-se para isso das folhas dum jornal.

Não há o culto pela verdade,

der emotivo, superior recorte e melhor sentido de subtilidade e graduação.

Vimos o teatro romântico e as peças recentes, o drama e a comédia, com carácter ajustado, com medida conveniente, os tipos bem desenhados, as situações cuidadas, a movimentação desartificialiosa.

Vimos, gostámos, e aplaudimos, nós todos, em Aveiro, durante nada menos de seis meses. E não nos cansamos. Ao contrário, fomos nós que demorámos essa simpática Companhia, que não nos contentámos com uma noite — e uma noite de expressiva homenagem que foi uma apoteose do nosso affecto e do nosso preito — para a despedida.

Esses actores, que viviam com a nossa comum morigeração, tinham entrado já na nossa convivência, neste meio ano, como se o centro da sua actividade fosse a nossa terra. Tinha cooperado com o produto do seu trabalho nas nossas obras de assistência, auxiliado as nossas instituições, vivido alguns dos nossos anseios.

Na verdade, é como que uma autêntica missão, esta tarefa que se impôs a Companhia Rafael de Oliveira, com modestos proventos, sem ambições materiais que não excedem as de viver com sôbria dignidade, de levar o teatro — e quase sempre teatro nacional — de terra em terra, aos mais pequenos agregados populacionais, por vezes sem compensação que estimule, além do êxito artístico e da satisfação de servir uma causa a que se devotou.

Seria de desejar que as entidades responsáveis atentassem detida e mercadamente nos serviços que esse grupo de actores devotados vem prestando e lhes proporcionassem os meios de levar cada vez mais longe os seus louváveis propósitos de divulgação da arte teatral...

que educa e eleva, mas pela verdade que corrompe e aniquila.

E daí o dar-se a essa imprensa o nome pejorativo de «má imprensa».

Má imprensa é, portanto, aquela que não sente escrúpulos em dar publicidade a ideias anarquizantes, a notícias que provocam escândalo, a artigos que militam contra os bons princípios.

E' aquela que, às claras ou veladamente, mina os alicerces da Sociedade; a santidade e unidade da família, a ordem e a paz social, a fé e os bons costumes.

Muitos se revoltam contra a Censura, como elemento que corta os legítimos voos da inteligência humana...

E porque não pensam em demolir as prisões?

Se estas são necessárias para afastar da sociedade os elementos perigosos e nocivos à boa harmonia que deve reinar entre os homens, aquela não é menos necessária para que se evite o incêndio das almas influenciadas por ideias más espalhadas pela imprensa.

Parece-me que a sua importância se sobreleva às próprias cadeias.

Nelas têm entrado muitos, por causa de crimes praticados sob a influência de más leituras.

No âmbito da acção da Censura está a defesa da Ordem Social. Ora, a Religião é um dos elementos formativos da Boa Ordem Social.

Um povo sem Religião, afirmou Napoleão Bonaparte, não se governa, metralha-se.

A imprensa, portanto, não só deve manter o maior respeito pela Religião e sua Orgânica, mas até defendê-la, se quer merecer a consideração das almas bem formadas e ser elemento de Ordem e Paz.

Mas a acção da Censura deve, apenas, desempenhar o papel de último recurso.

Quero com isto dizer que, cada um que colabora nos jornais, deve «censurar» os seus próprios escritos e examinar se eles levam a semente do Bem ou a semente do Mal.

E' a acção da consciência. Ora vem-se notando uma deficiência nos vários órgãos da imprensa, que dá a entender que nem sempre os bons princípios são respeitados.

Em particular, queremos referir-nos aos ataques à Igreja e ao Clero.

Parece que estamos em presença duma onda de anticlericalismo de estilo Voltairiano.

Tenho lido vários jornais... e lá vem a piadinha... a queixa... a insinuação... contra o Clero.

Num semanário da mais novinha vila portuguesa escreve-se: «Quanto ao clero secular, temos pena... Compreendemos as suas misérias... Não desculpemos a nossa maldade com haver clero mau, pois se procede mal, ensina bem».

Dizíamos acima que parece estarmos em face duma onda de anticlericalismo, obediente a uma ordem oculta: esmaguemos a Igreja, desacreditando o clero.

Vele a Censura por esta manobra dos inimigos da Igreja e da Ordem Social.

E se alguns restos de consciência ainda há naqueles que se comprazem em combater a Religião nas pessoas dos seus ministros, reflectam que estão a minar os alicerces da Ordem Social, ao tentar derrubar um dos seus pilares mais necessários.

— Vou despedir-me, pedindo desculpa de tão longa demora.

— Tive muito gosto em ouvi-lo e para o futuro gritarei cá dentro: *Vê lá o que escreves...*

E foi tão forte o grito, que o dorminhoco despertou.

Abriu os olhos, encarou-me de frente e disse:

— Está bem, padre... isso é comigo...

E eu retirei-me. Estava prégado o meu sermão.

BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"

Para os nossos pobres recebemos:

Transporte . . . 190\$00

Do sr. dr. Manuel Jesus de Sousa em sufrágio da alma da Senhora D. Maria Garcia Costa, comemorando mais um aniversário do seu falecimento . . . 50\$00

A transportar . . . 240\$00

Carta a uma Senhora

Minha Senhora:

Principiarei esta carta com uma referência, muito especial, a um caso passado no Tribunal Judicial desta Comarca e o qual, além de constituir um exemplo e um aviso, significa ao mesmo tempo que a nobreza e a magnitude da Justiça não admitem a violação da sua integridade.

Quero referir-me à condenação dumas testemunhas falsas que caíram na rede da sua criminosa intenção de atingir a dignidade duma pessoa de bem, procurando atribuir-lhe culpas que não existiam, quer no exercício das suas funções, quer fora delas.

Trata-se do sr. Francisco Ferreira, 2.º Cabo da G. N. R. e Comandante do Posto das Taipas, de quem me deram agradáveis informações acerca da sua idoneidade profissional e moral.

Por isso, a decisão do Meretíssimo Juiz que o absolveu e condenou as testemunhas acusatórias, por falsas declarações, reverteu em prestígio para a Justiça e para a própria dignidade desse ilustre Magistrado que apenas procura dignificar a sua elevada e delicada missão de Julgador. Bem haja, pois, sua ex.ª, tanto mais que são as testemunhas falsas que muitas vezes arrastam para a cadeia pessoas de bem, cometendo, portanto, o repelente crime da falta de escrúpulo e de consciência, o que nem sempre pode ser averiguado pelos respectivos Julgadores.

Porém, no caso presente, voltou-se o feitiço contra o feiteiro, facto que deverá servir de exemplo e de aviso para quem se atrever a transformar em vítimas inocentes pessoas que não devem *aquecer* o banco dos réus.

Infelizmente, essa praga encontra-se espalhada por toda a parte, razão por que mais necessário se torna desmascarar os profissionais dessa *arte diabólica*, consideradas feras mais perigosas do que as irracionais, uma vez que destas todos sabem que se deverão acautelar para não serem arrebataados pelos instintos selvagens desses habitantes dos bosques.

Jurar falso e fazer juízos temerários são qualidades das mais desagradáveis, porque são reveladoras dos mais condenáveis sentimentos morais.

Aparentando, por vezes, boas pessoas, frequentando a Igreja e ajoelhando-se aos pés dum sacerdote com a única intenção de deitarem poeira nos olhos das pessoas bem intencionadas, procuram, assim, esconder o veneno que lhes invade a alma e o coração, esquecendo-se, no entanto, de que poderão ludibriar as pessoas de boa fé, mas que outrotanto não poderão fazer perante os olhos de Deus, Aquele que tudo conhece, que tudo sabe e que tudo vê!

Disse Dumas, Filho, que «*Deus criou, providencialmente, os imbecis para os inteligentes lamentarem menos a vida*».

Todavia, quanto às testemunhas falsas, capazes das maiores vilanias, direi eu: Aquelas que não prestarem contas perante os Tribunais, como no caso presente, só poderão existir para as suas vítimas lamentarem mais a vida.

Mas, minha Senhora, o que é este mundo senão um mar de lamentações, exactamente porque se uns querem a solidariedade humana e têm sentimentos cristãos, outros, pelo contrário, querem a desagregação da sociedade e têm perdidos sentimentos?

E afinal, principiei e acabo com o mesmo assunto, embora não tentacionasse alongar-me tanto, o que bate certo com o velho adágio — «*O homem põe e Deus dispõe*».

Pena é que nem tudo se possa acertar com a mesma facilidade.

Fevereiro de 1958. De V. Ex.ª cd.º ven.ºr e obq.º X.

Foi pedida a criação de uma Escola Prática de Agricultura

A Câmara Municipal, secundada pelos Grêmios da Lavoura e do Comércio e pelos Sindicatos Nacionais, fez uma representação ao Sr. Ministro da Educação Nacional, pedindo a instalação, em Guimarães, de uma Escola Prática de Agricultura, o que representaria grande beneficio para esta região.

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

O agrupamento dos Escutas da freguesia de S. Paio, comemora hoje o nascimento de Baden Powell fundador do movimento escutista, com o programa seguinte: A's 8 horas, Missa, comunhão e promessa na Igreja Paroquial; às 9,30, Pequeno Almoço, findo o qual se seguirá um jogo escutista pela cidade; às 14, Passeio escutista aos arredores da cidade; às 21 h., Palestra sobre o significado da data, por um dirigente, seguida de fogo do conselho.

Crítica Literária

A Arquitectura Religiosa Pré-Islâmica

O nosso querido Amigo Rev. Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, membro ilustre das Sociedades Martins Sarmento, da Língua Portuguesa, Portuguesa de Escritores, Histórica da Independência de Portugal; da Associação dos Arqueólogos Portugueses, da Academia de Ex-Libris; Sócio Fundador do Estúdio de Escritores e Artistas e professor do Seminário Arquidiocesano, publicou recentemente um trabalho valioso que intitulou **A Arquitectura Religiosa Pré-Islâmica**, e teve a gentileza de nos oferecer um exemplar com penhorante dedicatória.

Estudando o assunto, com os vastos conhecimentos que possui, o talentoso escritor e investigador cita várias igrejas que conservam a orientação primitiva quanto à sua arquitectura, e entre estas as de Paredes Secas e Vilela, em Amares; Bucos e Painzela, em Cabeceiras de Basto; Balazar, Fermentões, S. João de Ponte e Briteiros (Santa Leocádia), em Guimarães; Anjos e Vilar do Chão, em Vieira do Minho, e S. Mamede de Escariz, em Vila Verde.

Ao ilustrar o seu belo trabalho e entre outras vê-se a gravura da Igreja de S. Miguel do Castelo, onde se conservam ainda os cachorros em que assentava o alpendre, e parte do lacrimal, ao que o autor se refere.

Os nossos agradecimentos e merecidos louvores ao ilustrado sacerdote.

A propósito de uma Imagem seiscentista de Nossa Senhora do Rosário.

Em separata do volume LXVII da «Revista de Guimarães», a sr.ª Dr.ª D. Maria Emilia Amaral Teixeira, ilustre Directora do Museu Alberto Sampaio, acaba de publicar um opúsculo com um interessante estudo sobre a Imagem de Nossa Senhora do Rosário que possui a antiquíssima Irmandade dessa invocação. Trata-se, segundo lemos, de uma muito curiosa peça, cheia de interesse para o estudo da ourivesaria portuguesa que é a imagem seiscentista de prata da sua padroeira.

A' sua volta, a Senhora Directora do Museu Alberto Sampaio, faz uma revelação curiosa, dizendo-nos:

«... Seja como for, é a imagem de prata de Nossa Senhora do Rosário uma bela peça. E' elegante o movimento dos braços, são bem lançadas as roupagens, mesmo com busca de subtilidades, como se vê sob o braço que segura o Menino, no pregueado da manga direita, de resto já tão característico de obras do século XVII, e, duma maneira geral por toda a peça».

Os nossos agradecimentos à Senhora Dr.ª D. Maria Emilia Amaral Teixeira, pelo seu oferecimento e pela gentileza da dedicatória.

«Ronda da História»

Com o n.º 9, agora distribuído, de «Ronda da História», dirigida pelo jornalista Américo Faria, prossegue o inegável êxito desta revista portuguesa de carácter único no nosso país e que os leitores tanto apreciam.

Do teor das suas 48 bem recheadas páginas, todas aliás de difícil selecção como melhores, constam crónicas e artigos de subido interesse, estando neste caso: Almeida Garrett, Anastásia, filha do Czar; Hospital de Goa no século XVII; César assassinado; A Dama branca, emocionante episódio de espionagem; Uma barbaridade de Pancho Villa; A Bastilha; Um Natal dos Buonapartes; Mulheres de armas portuguesas; Evocação de Seapa Flow; Sissy, a última imperatriz da Austria; Evolução da Medicina; Títulos dos Reis de Portugal, etc.

DAVID MARTINS

Missa do 5.º Aniversário

Passando no dia 26, 4.ª-feira próxima, o 5.º aniversário do falecimento do saudoso David Martins, sua viúva e filhos mandam rezar um Ter-no de missas por sua alma, em comemoração de tão triste acontecimento, às 8 horas, na Igreja da Misericórdia, e desde já se confessam muito reconhecidos às pessoas amigas que os honrem com a assistência ao piedoso acto.

Guimarães, 23 de Fevereiro de 1958.

Infantes de Paz

Ao Ex.º Sr. Tenente Ernesto Moreira dos Santos

Do meu «Diário de recordações», recorto:

Primavera! Que lindas flores!
Como estas não há iguais!
— A Primavera vai e volta sempre,
— A mocidade vai e não volta mais.

Para o «Album da sua Saudade»!

Calaram-se os tambores e os clarins
Do batalhão de tropas que além passa,
Sob as janelas, de que pende a graça
Das moças, entre verdes alecrins.

Ouvem-se agora, ao longe, nos confins
Da planura, que o Céu protege e abraça,
Vozes cantando a fé, que nos trespassa,
Dum futuro com Deus e sem maisins.

Não são de guerra os cânticos que entoam
— Antes de amor as odes que reboam,
Quebradas fora, ao jeito de oração!

Soldados para a guerra, alçada a lança,
São infantes do amor e da esperança
Quando os comanda a voz do coração!

Inverno de 1958.

F. G. C.

O serviço dos Correios

Vários assinantes, principalmente das freguesias do concelho, de Lordelo, das Taipas, e de outros pontos, chamam a nossa atenção e pedem imediatas providências, quanto à forma como, por vezes, lhes é feita a distribuição do nosso jornal, com bastante morosidade.

Nós não podemos fazer outra coisa, que não seja o pedir encarecidamente ao digno chefe dos respectivos serviços nesta cidade se digno providenciar.

A expedição do jornal é feita sempre e com toda a regularidade, ao sábado à noite, sempre à mesma hora.

Por que razão, pois, nem sempre chega ao seu destino com essa mesma regularidade?

Providências, por favor!

COMPANHIA Rafael de Oliveira

Assistimos durante as festas do Carnaval aos espectáculos que a popular Companhia Rafael de Oliveira realizou no seu Teatro Desmontável, tendo ali levado à cena a peça de Ramada Curto *O Tio Rico*, cheia de humorismo e de realidade; a comédia hilaritante *Casa de Doidos*; a comédia de fino engenho *O Rapto da Prima*, por último, *Mocós e Velhos*.

Todos estes espectáculos agradaram ao público, tendo tido impecável desempenho dos Artistas da Companhia, alguns deles se tendo destacado, como Eduardo Matos, Rafael de Oliveira, Gizela de Oliveira, Luis Pinhão, Fernando Frias, Lucinda Trindade, Lizete Frias e António Vilela, nos papéis que lhes foram confiados. Agradaram-nos imenso os recitativos de Luis Pinhão, tendo-o apreciado como excelente declamador que é. Que bem que ele interpretou o Poeta Brasileiro, e Junqueiro, António Nobre e Júlio Dantas!

Também nos encantou o pequeno Alvarito, o actor mais novo da Companhia, uns onze anos talvez! Que bem que ele canta! Que apreciáveis dotes ele nos revela!

Na sexta-feira subiu à cena a admirável peça do escritor italiano Dario Nicodemi, *O Grande Amor*, que teve magistral desempenho de Lizete Frias, a principal figura da peça no papel de Maria Bini.

Lizete Frias esteve em cena durante quase toda a representação em que se desenrolou um assunto que interessou vivamente a assistência que era, naquele dia, regular.

Todos os demais elementos, perfeitamente integrados nos papéis que lhe foram distribuídos, desempenharam-se cabalmente do seu encargo, destacando-se, contudo, Lucinda Trindade, em Directora, pela sua austeridade; Fernando Oliveira, em Filipe, Conde Sândico; Eduardo Matos, em Jacques Machia, e Rafael Oliveira, em Palonc.

CASA Aluga-se, com 9 divisões, jardim e garagem. Falar nesta redacção. (22)

Notícias do Brasil

Dois embaixadores

O Embaixador do Brasil em Londres, dr. Assis Chateaubriand, ao receber, no Seabra's Club, no Rio, o embaixador do Brasil em Lisboa, prof. Alvaro Lins, dirigiu-lhe uma saudação afectuosa e calorosa que, sendo um louvor entusiástico da fraternidade luso-brasileira, foi ao mesmo tempo uma homenagem carinhosa ao representante actual do Presidente Kubitschek em Lisboa, onde havia já representado brilhantemente como professor da cadeira de Estudos Brasileiros, a intelectualidade do seu país.

Disse Assis Chateaubriand, depois de fazer o justo e justificado elogio de Ricardo e Adriano Seabra e da hospitalidade do Clube, que tanto tem contribuído para a vida de relação do Brasil pelos encontros que tem facilitado com os públicos e intelectuais estrangeiros:

«Nosso clube é um oásis, no meio de um ocidente e de um oriente, que não encontram solução para se entenderem. Nossos métodos de trocas de ideias se encontram no plano do velho liberalismo mais dinâmico e mais activo.

As histórias nacionalistas não perturbam o nosso trabalho, o qual consiste em projectar cada vez mais fundo o Brasil no campo atlântico. Somos uma nação atlântica e pretendemos continuar a sê-lo. Depois da última guerra, estamos vivendo uma fase histórica de colaboração sempre mais dilatada com aqueles povos do ocidente, que se batem pelas ideias de concórdia das nações livres».

A seguir o dr. Chateaubriand traçou o perfil diplomático de Alvaro Lins referindo a sua acção, tão diligente como útil, nos seguintes e elogiosos termos:

«Temos aqui um tipo de embaixador transatlântico na pessoa do chefe da missão brasileira em Portugal. Faz a velha mãe pátria uma valente política atlântica, que é o espelho da nossa. Portugal e Brasil estão incorporados ao mesmo sistema político internacional, para preservar o mundo de uma guerra catastrófica. Não sei de outro embaixador nosso, menos livresco, menos acadêmico, do que o sr. Alvaro Lins. Durante três dias trabalhamos juntos, em Lisboa, no caso do mercado comum, ligado à sorte do nosso café. Vi-o em acção, conduzindo-se com uma objectividade e um sentido dos negócios económicos, que não me surpreenderam, porque conheço alguns dos seus relatórios ao Itamarati. Conta o Brasil e Lisboa, com um diploma que vive com sua atenção tanto projectada sobre a órbita ibérica, quanto sobre esta Euráfrica, cujo seio é um oceano rumoroso de inquietação para todos nós».

Se a Africa é, neste momento, uma séria ameaça para a economia tropical brasileira, tenham os nossos compatriotas a certeza de que no estuário do Tejo existe um gaieiro, que vê a tormenta, com a lucidez das grandes aves marinhas, que adivinham a tempestade no mar».

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Nobel, à Rua de Santo António, Telef. 40199.

O amor à Terra e à Grel — eis o nosso lema,

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

O petróleo na Filatelia Já sabia que...?

Desde 1859, data em que Drake abriu em Titusville, na Pensilvânia, o primeiro poço petrolífero, a indústria do petróleo tem fornecido os mais variados temas à Arte.

A Pintura, a Escultura, o Cinema descobriram naquela dinâmica indústria temas sugestivos. E também a Filatelia.

O «Bureau» de Informações sobre Petróleo organizou e catalogou uma curiosa colecção de selos de todo o Mundo que atesta a excepcional importância da indústria petrolífera.

É bastante conhecido o lago de Asfalto, descoberto há séculos, na ilha da Trindade. O grande navegador inglês, Sir Walter Raleigh, que visitou a Trindade em 1595,



Uma torre de perfuração decora este selo da Venezuela

utilizou asfalto do lago para calafetar os seus barcos, facto que foi comemorado num selo de correio.

Para além da veneração que dedicavam aos poderes «mágicos» do petróleo, os assírios e outros povos da antiguidade aplicavam o betume na construção dos edifícios. E, ainda hoje, nas margens do rio Tigre, o betume é utilizado no revestimento dos «gufas» — botes redondos feitos com folhas de palmeira e cuja construção se assemelha à dos batisés dos antigos bretões. São os «gufas» que figuram num selo do Iraque.

Nos primeiros tempos da indústria petrolífera, uma perfuração coroada de êxito era um verdadeiro acontecimento. Exércitos de exploradores acorriam ao local, ansiosos por aproveitarem o petróleo cuja existência tinha sido comprovada. Foi esse um

dos motivos por que, nos primeiros campos petrolíferos, as torres de perfuração se aglomeravam como as árvores de uma floresta, conforme se pode ver numa série de selos brasileiros.

Um exemplar típico dos muitos selos italianos, com motivos petrolíferos, emitidos por ocasião do 16.º Congresso de Engenharia, mostra uma torre de perfuração moderna, em aço, contra um fundo composto duma série de antiquadas torres de madeira.

A mais espectacular manifestação da existência de petróleo, frequente nos primeiros tempos da indústria, era, sem dúvida, o «repuxo» de líquido que às vezes subia no ar até algumas dezenas de metros. O resultado, segundo a interpretação dum artista, está retratado de modo impressionante num selo peruano.

Um selo recente de especial interesse, assinala o desenvolvimento da indústria petrolífera do Canadá no após guerra, como consequência da descoberta dos importantes campos petrolíferos em Leduc, Redwater e outras localidades da província de Alberta. Além de torres de petróleo e tanques de armazenagem, o desenho mostra uma massa de fumo e chamas representando a «queima» dum poço novo.

Uma das séries de selos mais pitorescas é a que representa operações de perfuração submarina no lago Maracaibo, na Venezuela, local outrora frequentado pelo célebre pirata, Capitão Morgan. As torres de petróleo, que no selo parecem sair das águas, estão assentes sobre plataformas, verdadeiras ilhas artificiais, montadas em estacas cravadas no leito do lago.

As Índias Ocidentais Holandesas, além de produzirem petróleo, possuem grandes refinarias que processam também as ramas importadas da Venezuela. Dois selos (Países Baixos — Curaçao), mostram os



Num selo de Singapura, a silhueta de um navio-tanque

centros de refinação de Aruba e Curaçao, tendo ao fundo uma simbólica torre de petróleo.

Um outro selo emitido pelo Governo Holandês em 1934, é comemorativo do tri-centenário da ilha de Curaçao, e nele se vê o porto de Willenstad com depósitos de armazenagem de petróleo e a proa de um navio tanque.

Finalmente, os Correios da Holanda emitiram uma série dedicada à arquitectura holandesa moderna, cujo exemplar de 25 centavos apresenta a Sede da Shell Nederland, em Haia.

Os tanques de armazenagem de petróleo figuram em muitos desenhos de selos. O tipo de tanques



A sede da Shell Nederland, em Haia, ornamento um selo holandês

mais conhecido para produtos líquidos é bem ilustrado numa série de selos colombianos.

Uma grande parte dos recursos alemães de petróleo, durante a guerra, era obtida por produção sintética, a partir do carvão. Alguns catálogos revelam que dois selos emitidos na Checo-Eslóvaquia (Boémia e Morávia), em 1941, mostram uma instalação para a extração de petróleo do carvão.

Muitos selos, ao mesmo tempo que comemoram oficialmente os grandes progressos registados nas comunicações postais, prestam homenagem — embora discreta — à indústria petrolífera. Um deles, emitido no centenário do primeiro selo postal americano, mostra um correio, a cavalo correndo ao lado duma das primeiras locomotivas, vendendo-se ainda uma moderna máquina diesel-eléctrica, um grande paquete queimando óleo e um avião.

... uma torre de poço petrolífero tem aproximadamente a mesma altura que um bloco de escritórios com 12 andares, ou seja 50 metros.

... as numerosas e variadas substâncias, que dum modo ou de outro podem obter-se do petróleo bruto que extraímos das profundezas da terra, vão desde os óleos pesados com que se aquecem as caldeiras duma grande geradora até às matérias primas,meticulosamente preparadas por processos químicos, que servem para o fabrico de um par de meias de Terylene. Entre estes dois extremos existem cerca de 2.000 produtos petrolíferos.

... em cada semana vendem-se, no mundo livre, mais de 4 1/2 milhões de litros de Shell X-100.

... um homem consome, durante a sua vida, muitos e muitos litros de petróleo. Ao que parece o nosso primeiro contacto com o petróleo ocorre quando após o nosso nascimento — quando nos dão o primeiro banho dentro duma banheira feita dum produto derivado do petróleo.

... os taoístas e budistas da Maláia queimam milhões de velas, todos os anos, no cumprimento de ritos religiosos e festivos. Muitas fábricas locais, sobretudo em Malaca, utilizam a parafina da Shell para fazerem velas de colorido especial e cheias de ornatos.

... o «vai-diabo» — um raspador metálico que limpa o interior dos oleodutos — tira o seu nome do barulho que as máquinas fazem quando avançam ruidosamente por debaixo do chão. Afirma-se que quando apareceram os primeiros oleodutos os lavradores, quando ouviam o barulho, costumavam dizer: «Ai vai o diabo em pessoa por baixo dos meus campos!». Os mecânicos que trabalham nos oleodutos adoptaram o termo.

... materiais fabricados pelo homem a partir, principalmente, de petróleo em rama e de gás natural, são agora utilizados na preparação de quase 80 % de todas as drogas e medicamentos, 98 % de todos os plásticos, 60 % de toda a borracha, 62 % de todos os detergentes e sabões e de 27 % de todos os têxteis produzidos nos Estados Unidos.

... de cada oito poços de petróleo experimentais abertos nos Estados Unidos, em 1955, sete revelaram-se improdutivos. A proporção de poços improdutivos é maior nos Estados Unidos do que no Médio Oriente, por exemplo, onde as perfurações se fazem quase sempre em zonas nas quais já previamente se haviam realizado trabalhos de prospecção em menor ou maior escala.

... dos dez aeroportos comerciais de maior movimento nos Estados Unidos, nove têm pavimentação asfáltica, entre os quais os sete mais importantes: Midway (Chicago), La Guardia (Nova Iorque), Miami, Los Angeles, Atlanta, Denver e Charleston.

«PORTO E ARREDORES» NA COLECÇÃO «TERRAS PORTUGUESAS»

É dedicado ao Porto e arredores o XII folheto da colecção «Terras Portuguesas» que a Shell tem vindo a editar e a distribuir gratuitamente, prestando assim relevante serviço ao turismo nacional.

Ilustrado com óptimas fotografias, constitui este folheto um excelente guia quer para o turista quer para todo o português que deseje conhecer melhor a importante e atraente cidade em que reside.

Na realidade, aparte um elucidativo mapa indicando os locais históricos e turísticos, o folheto agora publicado insere um texto devido à autorização pena do Dr. Artur de Magalhães Bastos, focando o aspecto panorâmico, a História, os monumentos, os museus e a parte moderna da Cidade Invicta.

Por outro lado, menciona os passeios de interesse turístico, nos arredores do Porto, e sugere excursões às cidades e vilas mais próximas. Tornar-se-ia difícil indicar maior número de informações num livrinho tão manuseável, que se transporta no bolso ou no porta-luvas do automóvel.

Assim, «Porto e Arredores» man-



Servindo a Lavoura

FORMIGA ARGENTINA E COCHONILHAS UMA ASSOCIAÇÃO PREJUDICIAL

Pelo Eng. Agrônomo J. C. Silva Dias, da Repartição dos Serviços Fitopatológicos da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas.

(Transcrito do Boletim Agrícola, publicação mensal da Shell Portuguesa)

(Continuação do número anterior)

Como dissemos, esta formiga é muito prolífera. Enquanto que as formigas indígenas têm geralmente uma única rainha ou fêmea fértil por formigueiro, pondo ovos com certa lentidão, a formiga argentina constitui um único formigueiro nas zonas mais atacadas. Esse grande formigueiro tem milhares de rainhas e milhões de obreiras. As rainhas em si são verdadeiras máquinas de pôr ovos durante quase todo o ano.

De inverno estas formigas refugiavam-se em colónias muito grandes em todos os locais abrigados e quentes: encostas expostas ao sol, casas de habitação, estrumeiras, etc., mantendo-se aí em estado letárgico ou de fraca actividade. Em Abril e Maio inicia-se a postura. De alguns ovos eclodem larvas que originarão fêmeas férteis, outras larvas donde nascerão machos, sendo a maioria dos ovos origem das obreiras ou fêmeas estéreis que constituem a população dos carreiros.

Para fecho do nosso artigo há que referir os processos de combate. O problema da formiga argentina pode considerar-se hoje resolvido satisfatoriamente no aspecto dos meios de combate.

Até 1950 o método preconizado tinha fundamento na grande avidez que as obreiras mostram por substâncias açucaradas. Usavam-se soluções de mel, açúcar ou melaço que eram colocadas em recipientes especiais nas zonas infestadas após lhe ter sido incorporado um produto tóxico — geralmente um arsénito. As obreiras ou morriam por intoxicação estomacal ou iam intoxicar as larvas ou as fêmeas férteis que no formigueiro esperavam a sua ração de melada regurgitada pelas obreiras. Este método permitia bons resultados mas era de aplicação inóscula e complicada e os resultados só se manifestavam depois de longos períodos de actuação. A queima de ninhos artificiais de inverno, formados por pilhas de estrume e as barreiras mais ou menos complicadas postas nas árvores atacadas, eram métodos complementares muito trabalhosos e exigindo grande persistência e longos períodos de actuação.

Os métodos modernos baseiam-se numa aproximação totalmente diversa. Pretende-se revestir as superfícies frequentadas pelas obreiras com uma película de um insecticida residual, actuando por acção de contacto ou mista de contacto e fumigação. O insecticida escolhido deve possuir uma elevada acção residual, de forma a que as superfícies tratadas se apresentem tóxicas durante longos períodos. Consegue-se, deste modo, que, mortas as obreiras que procedem à recolha da melada, as larvas e as formas se-

tuadas (fêmeas férteis e machos) pereçam por falta de alimentos.

Dois insecticidas têm mostrado corresponder a estas exigências: o *chlordane* e o *dieldrin*. O primeiro tem uma acção residual mais atenuada que o segundo mas é dotado de uma relativamente elevada tensão de vapor e actua também por acção fumigante.

Dos ensaios realizados no nosso País concluiu-se serem aconselhadas as caldas de *chlordane* de um produto com 73-75 % de substância activa, diluída a 2 % ou as emulsões de um concentrado emulsionável de *dieldrin* com 18,5 % de substância activa desdobrada a 1,3 por cento.

O método consiste, como dissemos em cobrir as áreas frequentadas pelas obreiras com a calda aplicada por meio de um pulverizador de baixo débito e fraca pressão, como sejam os de dorso de pressão prévia ou contínua.

O tratamento incide, pois, no tronco das árvores tratadas, nas regadeiras de alvenaria ou cimento, nos muros, exterior de poços, soleiras, estrumeiras, pilhas de lenha, etc., etc.

O período mais aconselhável de tratamento é durante o mês de Maio, quando os formigueiros estão em reprodução. A existência de formas aladas nos formigueiros é indicação segura para a realização do tratamento, que poderá ser repetido em Agosto.

Como orientação para cálculo de custos, apontam-se alguns exemplos de consumos por hectare. Em relação ao custo do produto, a despesa com a mão de obra é reduzida e variável de 5 a 10 % daquele custo.

MODELO DE PRIMAVERA



Blusa confeccionada em fazenda, cuja cor deverá contrastar com as aplicações de lã. Estas são cosidas à frente, em forma de U, nos punhos e no pescoço, a rematar o decote

Anedotas

História de bar

Num bar, um inglês, que já bebeu sete whiskies, começa a cambalear sobre o banco.

— Mais um whisky duplo! — ordena.

— Mas, senhor... — aconselha o barman — não acha...

— Não se inquiete. Sei até onde posso ir. Por exemplo, repare naquele gato que vai a entrar a porta.

— Se estivesse bêbedo, veria quatro olhos no bichano; ora eu só vejo dois...

— Mas, senhor, — diz o barman inquieto — o gato não vai a entrar, vai a sair!

História de comerciante

Um velho comerciante encontra-se moribundo. Quase num sopro, inquire:

— A minha mulher?

— Aqui estou, meu querido!

— Bem! E o José?

— Também aqui estou, papá!

— Ótimo! E o Maurício?

— Maurício também está aqui. Não te preocupes, ossesga...

— E a Sarinha?

— Também aqui estou, vovó! Estamos aqui todos!

Bruscamente, o moribundo parece recobrar vigor e pergunta, alarmado:

— Mas como é isso? Então não está ninguém no armazém?

História de antropófagos

Dois antropófagos estão, calmamente, a comer carne humana. De repente, um deles, mais viajado, chama o cozinheiro-chefe e diz:

— Curioso, este prato! Informaste-te bem do que fazia este branco, na vida civil, antes de os assares?

— Sim. — responde o cozinheiro. — Era vendedor de vinhos...

— Ora aí está! É que lhe achava um sabor dos diabos a rolha.

CULTURA	N.º de plantas por hectare	Consumo em calda diluída	Lis. de produto concentrado	
			Chlordane 73% S. A.	Dieldrin 18,5% S. A.
VINHA	5.000	450	9,00	5,85
CITRINOS (1)	170	210	4,20	2,78
HORTA (regadeiras)	—	300	4,00	2,60
FIGUEIRAL	105	150	3,00	1,95

(1) Incluindo regadeiras.

Resumindo e em justificação do que dissemos no primeiro parágrafo deste artigo:

1.º — A formiga argentina é uma praga que protege as cochonilhas que atacam os pomares, as vinhas e outras culturas.

2.º — Dessa protecção que se exerce, principalmente, por defesa das cochonilhas contra os seus parasitas e depredadores resulta aumento do número dessas cochonilhas e, portanto, prejuízo para as plantas.

3.º — A gravidade da associação

é mais acentuada nas vinhas e pomares de citrinos e a favor da mel ou algodo.

4.º — Não se pode proceder com êxito ao combate a esta cochonilha (e a outras) sem se eliminar a formiga argentina.

5.º — A formiga argentina pode ser combatida com êxito por meio de insecticidas de *chlordane* ou de *dieldrin*, sendo esses tratamentos efectuados de preferência durante o mês de Maio.

F I M

Algumas vitórias da ciência e da técnica britânicas

O fenomenal desenvolvimento dos Estados Unidos e os seus constantes triunfos no campo da técnica têm, de certo modo, atirado para segundo plano importantes realizações da Grã-Bretanha.

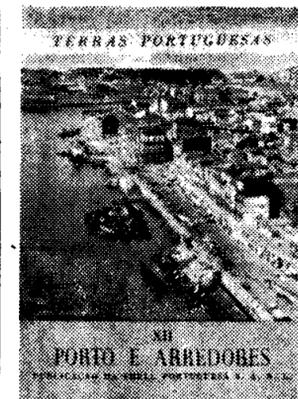
Convém não esquecer, por exemplo, que o radiotelescópio gigante de Jodrell Bank foi o único, no Ocidente, que seguiu completamente a rota do satélite russo.

A Grã-Bretanha deteve já, simultaneamente, os records de velocidade no ar, em terra e na água. Por outro lado possui ainda a mais im-

portante marinha mercante do mundo, é a segunda maior exportadora de produtos manufacturados (19 % do total mundial) e a City de Londres mantém-se o centro sem rival do comércio internacional, metade do qual ainda é realizado em esterlino.

Além disso, a Grã-Bretanha, sendo a primeira na construção de centrais de energia nuclear, descobriu o radar e a penicilina e foi pioneira do motor a jacto. Também tem fornecido mais técnicos para auxílio aos países subdesenvolvidos do que qualquer outro País.

tém, em alto nível, a continuidade de uma utilíssima colecção que já nos deu bem documentados folhetos



sobre o Ribatejo, Algarve, Estremadura, Douro, Alentejo, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa, Minho, Trás-os-Montes e Lisboa e arredores.

Do Concelho

Caldas de Vizela

Grupo de Amadoras de Pesca Desportiva

Na acta da última reunião desta novel agremiação desportiva foi exarado um voto do mais vivo protesto, representado a quem de direito, na esperança de que energias e rigorosas medidas sejam tomadas pelas autoridades contra os actos criminosos verificados últimamente em Jagueiros e que têm feito no rio Vizela uma verdadeira raziaria nas trutas.

Os «assaltos» que de quando em vez o nosso rio tem sofrido, urge que acabem, castigando-se rigorosamente os seus autores.

Os nossos Bombeiros e a Televisão

Um grupo de amigos da Real Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vizela, num gesto simpático que muito os enobrece, acabam de lhe fazer o oferecimento de um aparelho de Televisão.

Casamento elegante

No último domingo realizou-se no Santuário Eucarístico da Penha, Guimarães, o auspicioso enlace matrimonial da gentil menina Maria do Céu Bastos Pereira Leite, filha do Sr. Carlos Alberto Pereira Leite, funcionário público, e de sua esposa Sr.ª D. Maria Augusta Bastos de Araújo Pereira Leite, residentes nesta Vila, com o Sr. José Egiúio Barquinha Alves, comerciante, de Vila Nova de Gaia, filho do Senhor Egiúio Ferreira Alves e de sua esposa Sr.ª D. Rosa Barquinha Ferreira Alves.

Foi celebrante o Rev. Padre Bragança, pároco da Costa, e testemunharam o acto, por parte do noivo o Sr. Ricardo Neves, proprietário, do Porto e sua Ex.ª Esposa, e por parte da noiva, o Sr. Flávio de Freitas Faria e sua Ex.ª Esposa Sr.ª D. Dalila Lima de Freitas Faria.

Após a cerimónia foi servido num restaurante daquela Estância um lauto banquete, no decorrer do qual foram exaltadas as qualidades dos noivos, que seguiram em viagem de núpcias pelo Norte do País.

Ao novo lar desejamos as maiores felicidades.

Doante

Na madrugada de quinta-feira, recolheu a um quarto particular do Hospital da nossa Vila, aonde foi operada de urgência, a Sr.ª D. Albina da Silva Ferreira, esposa do nosso bom amigo e assuante Senhor Joaquim Ribeiro Ferreira.

A operação, que decorreu com êxito, foi levada a cabo pelo distinto cirurgião Sr. Dr. Freitas Pereira, auxiliado pelos Srs. Drs. António Pinto, José Eugénio e Rómulo Campante.

A operada, que já sentiu sensíveis melhoras, desejamos-lhe rápido restabelecimento.

Teatro Cine-Parque

Apresenta hoje, às 15,15 e às 21 horas, o enternecedor filme — *O Pequeno Rouxinol*, com Joselito, «O menino da voz de ouro». (Espectáculos para maiores de 12 anos).

Farmácia do serviço

Hoje está de serviço permanente a Farmácia Campante, Telef. 48272.

De Covas

Expediente

Manuel... — É isso mesmo! De a sua opinião. Saúde e felicidades.

F. X., Guimarães. — Desconhecemos. Todavia, vamos fazer o possível para lhe ser agradável. Aguarde mais uns dias e, depois, apareça.

Os amigos do «Bem-Fazer»

Numa época de dificuldades económicas como a que hoje atravessamos — em que o auxílio às crianças necessitadas deixa muito a desejar — vestir crianças pobres, órfãs e filhas, principalmente, de gente a quem a doença impossibilita de ganhar a vida, é um ideal não só de filantropia (ou de Caridade) mas da mais elementar justiça Social — diz-se numa circular que o «Bem-Fazer» de Covas distribuiu.

Entretanto, este grupo continua a receber adesões de sócios-beneficentes e nós aqui os vamos registando para que o seu exemplo frutifique para bem dos pequeninos.

Seguem-se hoje mais dez sócios-beneficentes mensais: De Covas, os Srs. Brás Ferreira Leiras, Manuel Rodrigues, Armando Almeida, Domingos de Freitas Lameiras, Manuel da Silva Freitas, Manuel Augusto Castro Lobo e Joaquim do Vale Pinto; António de Araújo, membro da Junta de Freguesia de Polvoreira; Francisco da Cunha, de Urgezes; e Manuel da Silva Soares, Rua de Santa Maria, Guimarães.

A gatunagem

Nestas últimas noites os gatunos têm assaltado as coelheiras, caposi-

ras, etc., onde têm feito uma limpeza.

Assim, num dos últimos dias assaltaram a coelheira do comerciante Sr. Manuel Ribeiro da Silva de onde lhe levaram uma coelha que tinha tido uma «inhada» há uns dez dias, ficando, portanto, os coelhinhos a morrer à fome...

Apontamentos da cidade

Companhia Rafael de Oliveira. — Um vimaranense e leitor deste jornal, durante um espectáculo da Companhia Rafael de Oliveira, pediu-nos que fizéssemos, neste número, um reparo pela falta de gosto, de concorrência, do público vimaranense aos espectáculos que esta Companhia tem realizado nesta cidade.

Na verdade, este nosso leitor tem razão — pois os vimaranenses ou não estão habituados a ver bom teatro (o mais provável) ou desconhecem que se encontra nesta cidade uma Companhia de Teatro. Só quem como nós lê as referências que a grande Imprensa lhe tem dispensado — e com justificada razão; só quem teve conhecimento da simpatia que os habitantes de Aveiro (onde permanecem seis meses) lhe dispensaram e onde na despedida os artistas foram alvo de uma simpática homenagem; só quem teve conhecimento de que no dia do primeiro espectáculo nesta cidade ali se encontravam dezenas de aveirenses; só quem teve a oportunidade de assistir a algum espectáculo poderá dizer que, na verdade, os vimaranenses podem, com facilidade, ver bom teatro. Por isso, estamos certo de que de hoje em diante os vimaranenses vão imitar os aveirenses.

— **Aquela ratoeira na rua Padre Gaspar Roriz.** — Um assinante deste jornal pede-nos que chamemos a atenção de quem de direito para o seguinte: «... existe na rua Padre Gaspar Roriz, uma «autêntica» ratoeira, onde os automóveis podem sofrer danos — como se esteve a dar com o meu — e, (o que é mais grave), já ali ficaram feridos alguns transeuntes, conforme o que constatei...».

Nota do correspondente: Na verdade, o reparo é muito justo, pois isto é inadmissível numa rua da cidade. Também não compreendemos o silêncio, o desinteresse, daqueles que obrigatoriamente ali passam todos os dias.

Pois não consta que alguém já tivesse apontado a quem de direito aquela lacuna, que já ali se nota há meses, conforme informa o nosso amigo e prezado leitor... E vá uma pessoa distraída, a assobiar, a pensar nos folguedos carnavalescos... um passo em falso, — catrapuz! fica com uma perna partida!

E depois? E só depois é que acabam com aquela ratoeira na rua Padre Gaspar Roriz... ».

Voltamos hoje a repetir esta notícia que publicamos no número anterior pelo facto de nos termos equivocado no nome da rua. Assim, passaram-se mais oito dias e a «ratoeira» continua à espera de novas vítimas não na rua Padre Gaspar Roriz mas sim (próximo duma padaria) na rua Abade de Tagilde.

Aquela ratoeira na rua Abade de Tagilde é... uma vergonha!...

Coisas e coisas...

A escolha do noivo

«Há certos pais, sobretudo certas mães, que pressionam de tal modo a filha na escolha do noivo que a moça, em determinado momento, duvida se vai casar para satisfazer a outrem ou a si própria. É natural que a mãe fique satisfeita quando a filha faz uma escolha feliz. Mas essa escolha deve ser feita pela moça, exclusivamente. É ela que vai conviver com o rapaz, é a vida dela que se ligará para sempre à dele.

Se a escolha é feita pela livre vontade da moça, quando algo não der certo entre ela e o rapaz, a moça terá a preocupação de acertar as arestas para ninguém perceber o que se passa no casal. Quando, porém, a família a obriga, de um certo modo, a determinado casamento, ela pensará sempre, em face às dificuldades infalíveis na vida de todo o casal, que talvez tivesse sido melhor se ela não tivesse ouvido tanto «o que mamãe dizia», como no caso (o que não transcrevemos) de uma nossa leitora.

Uma vez casada, entretanto, acreditamos que a melhor política a desenvolver agora seja a de procurar acertar, para o futuro e não a de viver de recapitulações, pensando em como «deveria ter sido». A realidade se impõe e é preciso vivê-la da melhor maneira ao nosso alcance».

Transcrito duma revista brasileira a propósito de casos idênticos de que temos conhecimento. Entre outros, o que uma saudosa senhora nos contou de que conheceu o seu marido no dia do pedido de casa-

mento (os pais é que escolheram o noivo)... e pelo buraco da fechadura...

Notícias pessoais

Regressou já há dias de França o nosso prezado conterrâneo e amigo Sr. Eng.º Orlando Marques Rodrigues. — C.

Guardizela

É tempo de se tirarem as máscaras

Terminaram os folguedos do Entrudo: finalizaram as homenagens a *Memo*, nas quais cada um, à excepção daqueles que têm por dever espiritual estarem vigilantes ao momento de agravo ao Sagrado Coração, procurou divertir-se a seu modo, fazendo por esquecer o pesado atroz da vida, que nesta época sempre se torna um pouco mais leve, enchendo uns os bolsos do casaco de pó de arroz para deitar na cabeça da cachopa gaiteira, outros enfarruscando as mãos no fundo da panela fuliginosa, que propositalmente havia dias não era lavada por fora, para se consolare de ver a *Micas* da vizinha com a cara de duas cores, outros ainda pregando a partida à irmã que descuidadamente deixou o seu *baton* por guardar e, outros, pegando na velha máscara cheia de pó, que o ano passado haviam atirado para cima do guarda-fatos, para se exibirem na rua, dando largas à sua alegria; enfim, uma reinação estes dias de Carnaval.

Mas a época passou e é tempo de se limparem os bolsos, de se lavar as mãos pintadas de mil cores, é tempo, senhores, de se tirarem as máscaras.

Estamos na Quaresma — tempo de meditação, de perdão, porque tempo santo; enfim, estamos em tempo de pormos de lado as máscaras; não dizemos somente aquelas máscaras que nos serviram para os folguedos do Carnaval, não, senhores, é necessário, sim, que tiremos aquelas máscaras hipócritas que muitos se habituaram a conservar durante o ano e estão decididos a trazê-las a vida inteira.

Esses, sim, que são os verdadeiros mascarados e por causa de quem a sociedade deve tremer — hipócritas autênticos, são o que são.

Induzem, animam, chegam até, com suas artes maquiavélicas, a convencerem as pessoas de bem e a quem jamais passou pela mente a ideia de certos cometimentos.

Depois, se as suas empreitadas, pensadas de ânimo leve, redundaram em fiasco, dão o dito por não dito, dizem e desdizem, porque contam sempre com a máscara da hipocrisia que os encobre.

Farsantes autênticos. E assim o hipócrito, meus senhores!

Mas, afinal, o que é a hipocrisia? «Hipocrisia, pequena ou grande, é índice de mediocridade mental e moral, é indignidade, traição, torpeza, simulação. É a corajosa de defesa, ao mesmo tempo arma de ataque dos fracos de carácter, dos que não podem caminhar à luz e em linha recta e por isso se utilizam do expediente tortuoso e indigno de embair as vítimas com a aparência de perfeita santidade.

O hipócrito, pequeno ou grande, finge, mente, adula, seduz, fere e mata.

Simula com finura diabólica; guarda as aparências com a mais perfeita maestria; aparenta honestidade, aptidão, capacidade de trabalho. Ninguém mais honesto, mais apto, mais activo e trabalhador, quando é necessário apresentar serviços.

Audacioso, age, porém, à socapa, ambigualmente, como certos insectos que densibilizam a epiderme com a sua baba antes de picar.

O hipócrito mente com premeditação; da sua mentira corre a pequena que aniquila. Usa da mentira calculadamente, como calculado é o bote das serpentes. Atira-se sempre para colher benefício.

O hipócrito adula, está sempre ao lado dos ornamentos da governança, dos regentes de administração, dos possuidores de fortuna ou de prestígio, dos apriscos da igreja».

Esforcemo-nos, pois, por arredarmos de nós e da nossa convivência semelhantes empecilhos da sociedade — os mascarados.

Necrologia

Na sua residência e confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja, faleceu no passado dia 15 o benquista comerciante da vizinha freguesia de Moreira de Cónegos, que contava 64 anos de idade, Senhor Manuel Torres, casado com a Sr.ª Amélia Alves Torres e pai dos nossos prezados amigos Srs. Alfredo e Alberto Alves Torres e da Sr.ª Emília Torres, casada com o nosso estimado amigo Sr. Domingos Mendes de Oliveira.

O saudoso extinto deixa 15 netos, sendo o mais velho, Manuel Mendes, pessoa da nossa estima.

O seu funeral, que se realizou no dia seguinte, foi muitíssimo concorrido.

Paz à sua alma e à família enlutada às nossas condolências. (António Fernando de Matos).

Ocorrência

Pelas 11,30 horas de sábado, 15, e quando se encontrava numa bouça na vizinha freguesia de Serzedelo, o menor Horácio da Silva Paiva, de 8 anos de idade, filho de António da Silva, do lugar do Calvário, daquela freguesia, foi inesperadamente colhido por um pinheiro que trabalhadores faziam tombar, ficando muito mal tratado.

Chamada ao local a ambulância dos B. V. de Riba d'Ave, que não se fez esperar, imediatamente o infeliz rapaz foi conduzido ao Hospital Narciso Ferreira, de Riba d'Ave, onde recebeu os primeiros curativos, sendo dali transportado ao Hospital da Misericórdia de Guimarães, onde ficou internado, por o seu estado inspirar sérios cuidados.

Novo assinante

Deu-nos o prazer da sua assinatura para este jornal, o nosso bom amigo e caro conterrâneo Sr. Armando Pereira, gentileza que muito agradecemos. — C.

Campelos

Recortes

Veio-nos à mão o n.º 432 do *Diário Ilustrado* de 15 do corrente, que ocupa largo espaço com interesses de todo o País, desde o Minho ao Algarve, sob o título: «Quais as três obras, que gostava de ver realizadas em 1958, na sua Terra?» — Por intermédio de pena oculta e amiga a nossa terra também depôs, apresentando três problemas de entre tantos, que de capital importância existem. Com o devido respeito e sem comentários ei-los:

1.º — **Abastecimento de água.** — Não se compreende, que esta localidade com cerca de 4.000 habitantes, não tenha um fontanário público, o que representa um sinal de atraso e causa extraordinárias dificuldades, principalmente no Verão.

2.º — **Habitacões de casas económicas.** — É grave a crise de habitação e principalmente a classe pobre vê-se em sérias dificuldades e obrigada a solucionar o seu problema em circunstâncias difíceis. Há muita gente que vive em casas sem as mínimas condições de habitabilidade.

3.º — **Posto clínico.** — Não existe nesta localidade Posto Clínico da Federação das Caixas de Previdência, o que não se compreende. Apenas se pode dispor de um enfermeiro e uma enfermeira, que ocupam um quarto, sem qualquer dos requisitos indispensáveis para bem desempenharem a sua missão.

Festa de S. José

Chegaram até nós os primeiros rumores com vistas à realização da festa de S. José, promovida pelos «Josées» da nossa terra, com o patrocínio do Centro Operário de Campelos. É de louvar e apoiar esta feliz iniciativa, pelo sentido cristão que encerra de festejar e honrar o glorioso Patriarca e patrono dos operários. Que todos se compenem desta ideia, é o que se espera, para levar por diante o objectivo idealizado por um punhado de operários e bons cristãos.

Mãos à obra e não desanimar. Para nós, tudo que se relacione com o progresso da nossa terra, quer espiritual ou material, terá o nosso incondicional entusiasmo. Avante pois!

De luto

Pelo falecimento de seu extremo pai ocorrido em 16 do mês em curso, guarda luto o nosso prezado conterrâneo e distinto clínico, Senhor Dr. Francisco Carvalho Ribeiro. Associando-nos à sua profunda dor, apresentamos-lhe, bem como à sua ilustre família, os nossos sentidos pêsames. — C.

Caldas das Taipas

Junta de Turismo

Encontram-se concluídas as obras de adaptação da sede da Junta de Turismo, à Praça Dr. Antunes Guimarães, desta vila.

As novas instalações vão concorrer muito para o bom nome da nossa Estância, pois, além da sua magnífica situação, ficam a possuir condições indispensáveis.

A Junta vai adquirir novo mobiliário, decorando convenientemente com gráficos e vistas das Taipas o posto de informações respectivo.

Entretanto, a Junta vai editar folhetos de propaganda das Taipas, para distribuição por todo o País e ainda para o estrangeiro, sendo algumas das edições em francês, inglês e alemão, de harmonia com as instruções gerais dadas pelos Serviços de Turismo do Secretariado Nacional de Informação.

Melhoramentos em Briteiros

Na freguesia de Santo Estêvão de Briteiros, prosseguem várias obras de construção de caminhos públicos, cuja falta muito se fazia sentir, e que o ilustre Presidente da Junta de Freguesia, Sr. João Baptista Leite

APRENDER ATÉ MORRER

Primitivos habitantes de Portugal

Ora, meus amigos, continuou o João de Agualva, quem foram os que primeiro moraram cá, neste canto da terra, é que ninguém sabe. Seriam uns iberos que falavam numa língua arrevesada, assim a modo semelhante à que falam os espanhóis das Vascongadas, que nem o demo os entende? Isso é que não lhes posso dizer. O que sei é que, quando a Espanha começou a ser conhecida, havia aqui uma súcia de povos por demais: *turdetanos* para um lado, *celtíberos* para outro, *ilergetas* para aqui, *bastetanos* para acolá. Estava até amanhã a dizer-lhes nomes esquisitos, se não preferisse falar-lhes só dos nossos avós, cá nos que moravam na nossa terra.

— Isso é que é! bradaram todos em coro.

— Pois muito bem! Saibam vocês que não era um povo só. No Algarve e num pedaço do Alentejo havia os *cuneenses*, no resto do Alentejo, na Beira e na Estremadura moravam os *lusitanos*, e lá para cima, para o Douro, para o Minho e mais para Trás-os-Montes, moravam os *galegos*.

— Os galegos! exclamou o irritável Bartolomeu. Veja lá como fala, sr. João de Agualva, olhe que o pai da minha mulher veio de Trás-os-Montes, o meu sogro não era galego nenhum, ouviu?

— Valha-te Deus, Bartolomeu, então tu cuidas que os galegos andam todos de barril às costas e são todos uns grosseiros como os aguadeiros dos chafarizes de Lisboa? Pois digo-te que, de todos os povos das Espanhas, foram os galegos os que mais depressa se poliram. Mas, como tu não queres ser genro dum galego, sempre te direi que aqueles que moravam para cá do Minho não eram da mesma casta que os de lá. Os nossos chamavam-se *brácaros* e os galegos da Galiza chamavam-se *lucences*.

— Ainda bem! murmurou Bartolomeu.

M. PINHEIRO CHAGAS — *Ilustração Alegre de Portugal*.

A defesa da Pátria

Um homem rico e o serviço militar

Um filho do milionário Ricardo ia partir para o serviço militar.

O seu pai não podia conformar-se com isso e protestava contra a lei do serviço obrigatório. Um dia foi ao qatel e, dirigindo-se ao director da instrução, disse-lhe:

— Noutros tempos eu teria pago a remissão do meu filho e evitava esta maçada. Hoje tiram-nos os filhos de casa. Para que serve pois a minha fortuna?

— Os tempos mudaram, Sr. Ricardo. O exército de outros tempos não podia defender-nos agora. Com a Europa armada até aos dentes, não nos basta possuir vinte mil soldados, mas sim trezentos mil. A nação não pode encontrá-los senão apelando para o concurso de todos os seus filhos. Em caso de ataque seriam precisos para defender Portugal todos os homens válidos dos vinte aos quarenta anos, todos sem uma única excepção e mal chegam.

— Julga então que isso é necessário?

— Certamente. E depois, vejamos, Sr. Ricardo, se esta necessidade não existisse, o lugar dum *homem de coração* não é sob a bandeira da sua pátria? Então admitir-se-ia que, enquanto milhares de bravos se sacrificavam e se deixavam matar nas fronteiras, houvesse

de Faria, leva a efeito com o apoio de toda a população.

Oxalá, que em breve, se anuncie a construção do novo edifício escolar, obra meritória em benefício das crianças, que bem precisam de uma aula espaçosa, com ar e luz em abundância.

Entrada da Póvoa de Lanhoso

Com o estabelecimento de novos horários das carreiras de camioneta entre Taipas e Póvoa de Lanhoso, aumentou consideravelmente o movimento de transportes diários naquela estrada.

Porém agora, mais que nunca, se torna necessário que a pavimentação a asfalto iniciada nas Taipas até Donim, prossiga desta freguesia até à vila da Póvoa de Lanhoso.

Doutor Miguel Mendes Alves

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso estimado amigo e ilustre Professor da Universidade de Lisboa Sr. Doutor Miguel Mendes Alves, que na companhia de sua Ex.ª Esposa veio passar as férias do Carnaval nesta vila.

Igualmente estiveram nesta vila os lentes da Universidade do Porto, Srs. Doutores Manuel Ferreira e Domingos Rossas da Silva. — C.

um mancheo folgado e robusto, como é o seu filho, e que se conservasse em casa ao canto da lareira? Deixar-se-ia aos outros a missão de defenderem os seus bens, a sua independência, a honra, a vida e a de todos os seus? Isso poderia lá ser! Se amanhã uma potência nos insultasse, violasse os nossos direitos, o senhor Ricardo seria o primeiro a dizer aos seus filhos que pegassem numa espingarda para desafortunarem a Pátria.

— É possível.

— Certamente.

— Pois bem, de acordo, porque amo o meu país como o melhor dos patriotas. Mas, como nós estamos em tempo de paz, para que é esta obrigação, para todos os mancheos, de ficarem uns meses nas casernas, longe de sua família, longe dos seus trabalhos? Não seria suficiente alistá-los no dia do perigo?

— Não, isso não basta. A profissão do soldado exige uma aprendizagem como todas as outras. São precisos longos exercícios para se saber manuejar a espingarda, para se habituarem às fadigas, às manobras, às ordens do comando e sobretudo à disciplina militar. O exército é uma máquina imensa e complicada. Cada soldado constitui uma das suas peças. E todas as peças marcham conjuntamente, segundo a vontade do grande maquinista que é o general em chefe. Pois muito bem, para que a máquina funcione, é preciso que cada peça execute o seu movimento com precisão. É necessário que cada soldado avance, recue, fique no seu lugar, conforme a ordem do comandante, se não só haverá desordem e confusão. Compreende, pois, senhor Ricardo, porque o serviço militar é obrigatório para todos?

— Sim, murmurou Ricardo, afastando-se pensativo e ao mesmo tempo confuso, como que aniquilado pelo vexame de não ter compreendido tudo aquilo mais cedo. *A lei é dura*, mas é necessária. Antes de mais nada, é necessário assegurar a defesa do país.

— Eu não lhe dizia, senhor Ricardo, que o senhor havia de modificar a sua opinião?

— Está bem, tem toda a razão!

O pequeno telefonista

No telefone faz-se ouvir a voz dum rapazote de 18 anos que assentara praça como voluntário:

— Vai tudo bem, meu coronel...

O reduto já desmantelado, à entrada do bosque, está guardado por cento e cinquenta homens, com a cabeça encostada ao parapeito, aguardando a morte.

Um pouco à retaguarda está o posto dos telefonistas, que comunica com o coronel comandante do sector, que fica a 1.500 metros de distância...

— Sim senhor, meu coronel, vai tudo bem...

O bombardeamento do inimigo torna-se cada vez mais ameaçador, com o seu tiro regulado.

De repente soltam-se gritos de dor. Uma granada de 15 centímetros vem rebentar sobre o parapeito.

— O reduto mantém-se sempre?

— Sim senhor, meu coronel, o reduto mantém-se sempre...

As covas das marmitas sucedem-se a cada passo; a posição torna-se insustentável. Defronte do posto dos telefonistas passam homens com o rosto apavorado, que se arrastam quase inconscientemente...

— Meu coronel, uma granada acaba de cair sobre o abrigo do nosso capitão...

— E o capitão?

— Ficou enterrado com um pelo-tão...

— Mas tu podes ficar ainda?

— Eu fico, meu coronel...

Agora a companhia dizimada começa a retirar na direcção da orla do bosque; os outros telefonistas vão-se reunindo aos seus camaradas, impelidos pelo instinto da conservação. Mas o pequeno telefonista fica, como que atraído pela extremidade do fio: ele tinha prometido ao seu coronel que podia ficar e ficará, quer ficar por força...

— Está lá...

— Pronto, meu coronel...

— Tu serás citado na ordem do dia do exército...

— Oh! Isso não vale a pena, meu coronel!...

Sobre o reduto já desguarnecido continuam caindo os morteiros e granadas, num chuvaireio.

— Meu coronel, tudo está arrasado em volta de mim; é preciso ainda que eu fique?

— Fica, se puderes: envio uma outra companhia para ir ocupar o reduto.

E ele lá ficou firme no seu posto, debaixo do chuvaireio das granadas e morteiros, com o auscultor ao ouvido para anunciar ao seu coronel a chegada da nova companhia.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

EXERCÍCIO DE 1957

Senhores Accionistas:

1—A conjuntura mundial em 1957 apresentou-se, por vezes e em certos aspectos, confusa e inquietante.

No plano financeiro houve o receio de uma desvalorização do esterlino, que o Governo da Grã-Bretanha, com certo esforço, conseguiu desvanecer.

E houve também a crise do franco francês, moeda que não pôde deixar de registar uma substancial baixa de valor, ao mesmo tempo que ocasionou a suspensão da liberalização das importações em França.

No plano económico as atenções começaram a convergir sobre as actividades norte-americanas, objecto de certa contracção, revelada principalmente na diminuição da produção siderúrgica e de automóveis.

Os meios industriais europeus, sobretudo os ingleses, manifestaram-se um tanto aprensivos com esse declínio, que poderá influenciar desfavoravelmente a produção e a economia da Europa Ocidental.

Contudo, esta, apesar da débil posição da agricultura na economia do Globo, salientada no último relatório da F. A. O., por efeito das altas de salários e de equipamentos, pôde registar, no primeiro semestre de 1957, um ritmo ascensional, embora moderado.

Por outro lado, progrediram as trocas do Ocidente com os países do Leste da Europa, não só em valor, como em tonelagem.

2—Mas os povos livres deste Continente estão convencidos de que só as grandes áreas, integrando numerosos consumidores, podem alimentar poderosas forças de produção equipadas com elementos constantemente actualizados na técnica da quantidade, qualidade e custo, capazes de competirem com a produção de outros grandes blocos.

Em obediência a esta realidade, com o objectivo de constituir na Europa uma terceira grande força económica mundial, escudo mais firme da sua autonomia, fundou-se, em Março do ano findo, em Roma, a Comunidade Económica Europeia, formada pela Alemanha, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, França e Itália.

Tão grandes como as esperanças nesta união serão, todavia, as dificuldades que se lhe hão-de deparar no áspero caminho a percorrer.

3—Ao lado desse Mercado Comum procura-se estabelecer uma Zona de Comércio livre em que se integrem alguns países da O. E. C. E. de modo a neutralizar os efeitos da discriminação para eles resultante de algumas importantes cláusulas da Comunidade dos Seis.

O nosso Governo tem revelado, através de relatórios, declarações e estudos, o conhecimento profundo e extenso do problema e suas implicações, com vista a acautelar os interesses nacionais no seu conjunto, pois os efeitos de acontecimento tão relevante na economia do ocidente europeu não podem deixar de imprimir seus vincos no sistema do trabalho português.

4—A execução do primeiro Plano de Fomento, cujo termo se verifica em 1958 e ao qual se seguirá um novo plano sexenal conducente à aceleração do ritmo do incremento do produto nacional, melhoria de nível de vida, ajuda à resolução dos problemas do emprego e melhoria da balança metropolitana de pagamentos, constituirão elementos revigoradores da nossa economia, assim mais apta a dominar as dificuldades que porventura lhe resultem da criação do Mercado Comum Europeu.

5—E porque toda a acção tem de alicerçar-se num sistema de crédito capaz de corresponder a tão altos objectivos, surgiu, em Novembro passado, a reorganização do sistema de crédito e da estrutura bancária, diploma da autoria de Sua Excelência o Ministro das Finanças, que tem como principais características o dispositivo para uma maior flexibilidade do crédito a curto prazo e a admissão de Bancos de investimento destinados à concessão de crédito a médio e longo prazo.

Assim, visando o fomento da produção apoiado por um eficiente sistema de crédito, reunimos e melhorámos os elementos de base para a luta interminável que é a vida económica.

6—Em 1957 continuou o nosso Banco a registar progressos, quer em depósitos—um milhão oitocentos e dez mil contos—quer em valores confiados à sua guarda e administração—um milhão quatrocentos e seis mil contos—quer ainda no crédito que concedeu em escala notavelmente ascendente, em apoio à produção nacional e ao comércio nas suas actividades metropolitana, ultramarina e com o exterior.

7—Continuámos a ser solicitados para participar em várias das mais importantes emissões de acções e obrigações de empresas em que pudemos continuar a demonstrar a eficiência dos nossos serviços de Títulos de Crédito e a penhorante preferência que nos reserva o público investidor.

8—De acordo com o previsto, tivemos a satisfação de ver iniciadas as operações do Banco Comercial de Angola, em 28 de Janeiro do ano findo, em Luanda, e podemos já afirmar que são relevantes os serviços que no sector do crédito comercial a nova Instituição vem prestando à Província que devotadamente serve.

9—A expansão do nosso Banco prossegue. Em Lisboa abrimos uma nova Agência em Campo de Ourique e estamos a renovar e aumentar as instalações da nossa Sede Central.

No Porto renovámos também as instalações da nossa Agência Central—R. de Sá da Bandeira, 9—e abrimos na R. de Ceuta, 89, uma Agência em substituição da que possuíamos na R. de Sá da Bandeira, 56, que estava demasiado próxima da Casa onde a Instituição nasceu.

10—O custo das novas instalações foi totalmente amortizado.

As receitas gerais atingiram Esc. 83.839.990\$21 contra Esc. 68.860.503\$19 registados no exercício anterior.

Abatidos os encargos gerais do Banco e deduzidos os custos de obras e de máquinas adquiridas para ampliação e melhoramento dos serviços e ainda feitas as provisões correspondentes às dívidas de cobrança incerta, o lucro apurado foi de Escudos 17.034.896\$72, para o qual propomos a seguinte aplicação:

Para Fundo de Reserva Legal	852.000\$00
Dividendo distribuído por antecipação	1.875.000\$00
Para dividendo complementar	2.625.000\$00
Para Fundo de Reserva Variável	6.148.000\$00
Para Fundo de Flutuação de Valores	3.000.000\$00
Para efeito do artigo 9.º do Estatuto e conta nova	2.534.896\$72
Esc.	17.034.896\$72

Se esta proposta merecer a vossa aprovação, as reservas atingirão 70 mil contos e a soma do capital e reservas ascenderá a 145 mil contos.

11—Foi muito valiosa a cooperação que recebemos do digno Conselho Fiscal, que por isso é credor do nosso reconhecimento.

O Secretário-Geral, Director-Geral e Directores-Adjuntos foram de um devotamento inexcelsível.

Também os Sub-Directores, Gerentes e Procuradores do Banco colaboraram com eficiência e dedicação, pelo que, como os demais Funcionários e Correspondentes, sempre dedicados ao progresso do Banco, são dignos de louvor.

12—Terminou o mandato dos actuais Corpos Gerentes, pelo que haverá que proceder a novas eleições para o triénio 1958-1960.

Porto, 15 de Janeiro de 1958.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

- (aa) Arthur Cupertino de Miranda — Presidente
- Dr. Acácio Domingos Barreiro
- Dr. Alberto Pedrosa Pires de Lima
- Braz Cabrita de Almeida Conde
- Conde de Castro
- Conde de Fijó
- Eng.º João Carlos Sobral Meireles
- Joaquim Vinhas Cabrita
- Sylvio Arthur da Silva Perdigão.

Balanço em 31 de Dezembro de 1957

ACTIVO			
Caixa:			
Dinheiro em cofre	178.980.305\$65		
Depósitos noutros Bancos	200.066.788\$30	379.047.093\$95	
Notas e Moedas Estrangeiras	3.220.128\$71		
Banqueiros no Estrangeiro	236.321.680\$70	239.541.809\$41	
		618.588.903\$36	
Carteira de Títulos		63.284.780\$21	
Carteira Comercial		1.165.765.005\$12	
Empréstimos Caucionados		113.744.428\$41	
Agentes e Correspondentes no País		77.926.840\$00	
Devedores Gerais:			
Em moeda nacional	173.824.483\$05		
Em moeda estrangeira	30.181.269\$98	204.005.753\$03	
Participações Financeiras	5.261.777\$85		
Dividendo Antecipado	1.875.000\$00		
Imobilizações:			
Propriedades	15.537.000\$00		
Instalações	1\$00	15.537.001\$00	
		2.265.989.488\$98	
Cauções Estatutárias	2.100.000\$00		
Valores de Conta Alheia:			
Valores Depositados	1.406.273.577\$96		
Valores à Cobrança	183.682.547\$77	1.589.956.125\$73	
Contas de Ordem	1.291.804.474\$07	2.883.860.599\$80	
		Esc.	5.149.850.088\$78
PASSIVO			
Dividendos a Pagar			55.827\$34
Depósitos:			
À Ordem	1.474.347.327\$58		
A Prazo	336.651.342\$16	1.810.998.669\$74	
Saques Avisados		14.115.566\$12	
Credores Gerais:			
Em moeda nacional	283.304.679\$30		
Em moeda estrangeira	5.479.849\$76	288.784.529\$06	
		2.113.954.592\$26	
Credores por Cauções Estatutárias	2.100.000\$00		
Credores de Conta Alheia:			
Por Valores Depositados	1.406.273.577\$96		
Por Valores à Cobrança	183.682.547\$77	1.589.956.125\$73	
Contas de Ordem	1.291.804.474\$07	2.883.860.599\$80	
		4.997.815.192\$06	
SITUAÇÃO LIQUIDA			
Capital			75.000.000\$00
Reservas:			
Legal	7.838.566\$00		
Variável	52.161.434\$00	60.000.000\$00	135.000.000\$00
Lucros e Perdas			17.034.896\$72
		Esc.	5.149.850.088\$78

O Chefe de Contabilidade,
Fernando Barbosa.

O Presidente do Conselho de Administração,
Arthur Cupertino de Miranda.

Câmara Municipal de Guimarães

Reunião de 19 de Fevereiro de 1958

A Câmara, sob a presidência do Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, deliberou:

— Tomar conhecimento do agradecimento do Sr. Dr. Fernando Pizarro de Almeida e família pelas manifestações de pesar com que esta Câmara se associou ao seu luto pelo falecimento de seu pai Dr. Eduardo de Almeida;

— Tomar conhecimento dos fornecimentos efectuados pela Casa dos Pobres de Ronfe, durante o ano findo;

— Informar, de harmonia com o solicitado pela Direcção-Geral de Transportes Terrestres, que deve ser indeferido o pedido de João Ferreira das Neves & Filhos, Ltd., respeitante à alteração do horário da carreira regular de passageiros entre Brito (Entroncamento)-Joaze, a não ser que o concessionário mantenha as carreiras das 18 e 18,55 horas;

— Assumir o encargo com as terraplanagens do terreno destinado à implantação do edifício escolar de 2 salas do núcleo da Arcela e proceder às vedações que venham a ser julgadas necessárias;

— Indeferir o pedido de João Ferreira das Neves & Filhos, Ltd., de proibição de estacionamento de veículos ligeiros junto aos tapumes que vedam o local destinado à construção do novo edifício da Caixa Geral de Depósitos, com o fundamento de que aquele local não é, pelo «Regulamento de Trânsito» considerado de estacionamento proibido;

— Submeter à apreciação da firma Bernardino Jordão, Filhos & C., Ltd., o orçamento para iluminação do caminho de acesso ao Bairro Comendador Pimenta Machado, em Azurém;

— Tomar de arrendamento um prédio sito na freguesia de Atães, para instalação de uma escola;

— Conceder, a título precário, licença à Companhia Portuguesa de Petróleos BP, para instalação de uma bomba abastecedora de gasóleo e respectivo depósito, na Avenida Conde de Margaride, desta cidade;

— Idem a Abel Machado Faria & C., Ltd., para instalação de um depósito de Gasolina Super na Avenida Conde de Margaride e substituição da bomba de ar e água por uma eléctrica de gasóleo;

— Idem a Aristeu Pereira, para instalação de um depósito de gasolina Super no Largo do Toural, desta cidade;

— Conceder licenças para obras a: Manuel da Assunção Ferreira Júnior, Domingos Ribeiro Dias, João de Freitas Ribeiro e David Lopes;

— Sancionar os despachos do Ex.º Presidente que concederam licenças para obras a: António Martins Ribeiro da Silva, Manuel Martins, António Ribeiro da Cunha, Francisco Inácio da Cunha Guimarães & Filhos, João Lopes Alves, Francisco Ribeiro da Faria e António Mendes;

— Enviar à Subdelegação de Saúde os processos de licenciamento sanitário requeridos por Henrique da Silva Lopes de Freitas e Carvalho & Figueiredo, Ltd., para serem efectuadas as vistorias;

— Adjudicar o fornecimento de 21 armaduras e 21 lâmpadas, para iluminação pública do Largo de João Franco, Rua Santo António e Largo Navarros de Andrade, à firma «Construções Eléctricas Schröder, Ltd., de Lisboa»;

— Solicitar a comparticipação do Estado para a obra de construção do novo Cemitério da freguesia de Gondomar, deste concelho.

DEPOIS DO CARNAVAL

sabe bem ler uma boa revista!

Leia o n.º 32 **Mundo** de

A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE ACTUALIDADES

História dramática do Cais

Uma grande reportagem com fotos e texto de Waldemar Monteiro

e ainda —

— *Página de Política Internacional*, pelo famoso cronista Drew Pearson (em rigoroso exclusivo)

— *Mistérios do Mundo Invisível* — A Caça aos Fantasmas!

— *O Caso Estranho da Princesa Anastácia* — pelo jornalista francês Jean Guitry (em exclusivo)

— *Conversa com João Carlos Ceilastino Gomes* — uma entrevista de Oliveira Vidal

— *Feira em Vila Viçosa* — reportagem fotográfica de Sousa Meneses

— *A Outra face dos Jograis* — por Maria Rosa Colaço (especial para MUNDO)

— *Carta de Barcelona* — pela correspondente Maria Cruz Fernandez

— *Cinco miúdos portugueses descobrem Angola* — continuação duma série de crónicas de Adriana de Vecchi (em exclusivo)

— *Maneiras de ver a T. V.* — página de Martinez (em exclusivo)

— *Salazar e a Jornalista* — por Olavo Moreira (em exclusivo)

MUNDO

Director — GENTIL MARQUES

É A REVISTA DOS EXCLUSIVOS E PREPARA ACTIVAMENTE A MAIOR INICIATIVA DOS ÚLTIMOS TEMPOS

O GRANDE CONCURSO DAS FÉRIAS

Pedidos à Redacção: (108)

RUA DA ROSA, 252-1.º

TELEFONE 32345

LISBOA

Desenvolvimento da Conta de «LUCROS E PERDAS»

Em 31 de Dezembro de 1957

DEVE		HAVER	
Juros abonados em Depósitos à ordem, a prazo e diversos	18.818.786\$66	Saldo proveniente do exercício anterior	334.482\$43
Contribuições e amortizações	18.311.451\$79	Receitas Gerais	83.839.990\$21
Com. abonadas aos Correspondentes Ordenados	1.982.513\$19		
Ordernados	20.565.557\$11		
Disp. expediente, impressos, livros, etc.	7.461.267\$17		
Saldo Positivo	17.034.896\$72		
Esc.	84.174.472\$64	Esc.	84.174.472\$64

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas:

Concluindo, somos de

PARECER:

- 1.º — Que devem ser aprovados os Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração;
- 2.º — Que deve ser aprovada a proposta de aplicação de lucros feita pelo mesmo Conselho;
- 3.º — Que deve ser aprovado um voto de louvor ao referido Conselho e seus colaboradores, pela acção dispendida no exercício findo e seus bons resultados;
- 4.º — Que deveis proceder à eleição, por três anos, da Mesa da Assembleia Geral e dos vogais dos Conselhos de Administração e Fiscal.

Porto, 15 de Janeiro de 1958.

O CONSELHO FISCAL:

- (aa) Alfredo Ferreira
- António Albuquerque de Sousa Lara
- Dr. Albano de Magalhães
- Dr. José Chaves Ferreira
- João Ildefonso Bordalo
- Visconde de Assoca.

Cumprindo as disposições do nosso Estatuto, acompanhamos, regular e atentamente, a actividade do Banco, no decurso do ano findo, tendo sempre encontrado as contas em boa ordem. O exame do Relatório, Balanço e Contas, apresentados pelo Conselho de Administração e cuja exactidão verificámos, demonstra bem o progresso do nosso Banco, que se traduz em resultados muito satisfatórios, e na maior expansão das suas Agências e ampliação de instalações existentes, testemunho da crescente confiança do público na nossa Instituição e do zelo da Administração que presta assim assinalados serviços à economia nacional.

Apraz-nos ainda registar com muito júbilo o início auspicioso das operações do Banco Comercial de Angola, para a fundação do qual tanto contribuiu o espírito de iniciativa e a persistente energia da nossa Administração. Pela sua actuação inteligente e criteriosa, merece, pois, o Conselho de Administração e o seu Presidente os nossos melhores louvores.

Cumpra-nos ainda apontar com merecido louvor o entusiástico concurso prestado à Administração por todos os seus colaboradores, e agradecer as referências feitas no Relatório à nossa colaboração.

Televisão PHILIPS

Apoiada pela assistência técnica da **Estação de Serviço Regional PHILIPS T. V.**, da firma **A. GOUVEIA**

TELEVISORES desde 5.950\$00.

ANTENAS desde 380\$00.

PRESTAÇÕES desde 188\$00.

A. GOUVEIA

Avenida Conde de Margaride — Stands 3-4-5

Rua de Paio Galvão — Stands 10-11

GUIMARÃES

Largo Coronel Baptista Coelho — Stands B-C

SANTO TIRSO

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Joaquim de Sousa Oliveira — Passa no dia 27, o 61.º aniversário natalício do benquista industrial vizelense e nosso prezado amigo sr. Joaquim de Sousa Oliveira, prestante cidadão e benemérito, que goza entre nós da maior estima.

Felicitando-o, desejamos-lhe a melhor saúde e prosperidades.

Doutor António Paúl — No próximo dia 2 de Março, faz anos o nosso querido amigo e distinto médico cirurgião no Porto, sr. dr. António Paúl, a quem abraçamos, com votos pela continuação de suas prosperidades.

Fizeram e fazem anos:

No dia 10, o nosso bom amigo sr. José Joaquim Torcato Ribeiro; no dia 16, a menina Maria José Lopes Pereira Marinho, filha da sr.ª D. Maria de Lourdes Lopes Marinho e do nosso bom amigo sr. José Pereira Marinho; no dia 20, a menina Maria Eulália Berbedo Garcia, filha da sr.ª D. Maria José Berbedo Garcia e do nosso prezado amigo sr. José de Almeida Garcia, e o sr. Joaquim da Costa Carneiro, de Guardizela; no dia 22, a sr.ª D. Amélia Ribeiro Guise Carvalho, esposa do nosso bom amigo sr. Pedro de Sousa Carvalho; no dia 23, a sr.ª D. Maria América da Silva Miranda, filha da sr.ª D. Ana da Silva Miranda e do nosso amigo sr. José Miranda Júnior, e o nosso amigo sr. António Maria Leite Pacheco; no dia 24, as sr.ªs D. Rosalina de Jesus Ribeiro Martins, esposa do nosso bom amigo sr. Amadeu Soares Portilha, D. Maria Ribeiro Antunes, esposa do nosso bom amigo sr. Manuel Coelho, de Torres Novas, e D. Maria da Conceição Teixeira Alves Pinto, filha do nosso bom amigo sr. Joaquim Alves Pinto, e os nossos prezados amigos srs. Galdino Pereira, João André e Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, ilustre escritor e professor do Seminário de Braga; no dia 25, as sr.ªs D. Maria José Berbedo Garcia, esposa do nosso prezado amigo sr. João de Almeida Garcia; D. Cacilda P. dos Santos Martins, esposa do nosso bom amigo sr. Alfredo Faria Martins, e D. Maria Isabel Mendes Melo da Silva Carneiro, esposa do nosso prezado amigo e distinto Magistrado, sr. Desembargador dr. António Augusto da Silva Carneiro, e os nossos prezados amigos srs. Gaspar Ferreira Paúl e José Mendes Ribeiro Júnior; no dia 26, as sr.ªs D. Aurora de Freitas Saraiva e D. Maria Fernanda Glória Pereira e o nosso bom amigo sr. Francisco Macedo; no dia 27, o nosso bom amigo sr. João de Araújo; no dia 28, o nosso bom amigo sr. José António Xavier de Matos Guimarães e as sr.ªs D. Cecília Rosa de Sousa Martins Santos e D. Augusta Maciel de Sousa; no dia 1 de Março, os nossos prezados amigos srs. Coronel Mário Cardoso, ilustre Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, e Manuel da Cunha Machado; no dia 2, a menina Maria Isabel da Silva Ribeiro, filha do estimado industrial de alfaiataria e nosso bom amigo sr. António Martins Ribeiro, e os nossos prezados amigos srs. João Salgado da Cunha, conceituado industrial no Peidém, e Manuel Joaquim Pereira de Carvalho, conceituado comerciante, e a sr.ª D. Maria Alice Branco.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 7, completou cinco rissonhas primaveras, a filha do

nosso prezado amigo sr. Salustiano Abreu Lopes. Parabéns.

Regresso a Africa

Com sua esposa e filhinhos regressou a Lourenço Marques, após umas férias passadas nesta cidade, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Jerónimo de Castro da Silva Guimarães, que teve a gentileza de vir apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida.

Agradecendo tão grata visita desejamos àquele nosso amigo e a sua família, feliz viagem e muitas prosperidades.

Para Africa

Por via aérea e com curta demora, parte hoje para Africa o nosso prezado amigo sr. Armando de Sousa Andrade, a quem desejamos feliz viagem.

Em Lisboa

A tomar parte nos trabalhos da Câmara Corporativa esteve em Lisboa, de onde ontem regressou à sua casa de Ronfe, o nosso querido amigo sr. António Teixeira de Melo, importante industrial.

De visita

Deu-nos, na 5.ª-feira, o prazer da sua visita, o nosso querido amigo e camarada e ilustre colaborador sr. A. Garibaldi, director do *Jornal de Felgueiras*.

Movimento Familiar

Esteve nesta cidade o nosso querido amigo ilustre Oficial da Armada sr. Comandante João Paiva de Faria Leite Brandão, que tivemos o prazer de cumprimentar. Acompanhada de seu marido e filho partiu para Lisboa, onde vai fixar residência, a hábil modista sr.ª D. Rosa Teixeira de Freitas.

Esteve nesta cidade de visita a sua família o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. dr. Gabriel Teixeira de Faria, residente em Aveiro.

Também esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Pedro Pereira de Freitas, residente em Lisboa.

Esteve nesta cidade o sr. dr. Francisco Mendes Barata dos Santos, antigo Magistrado desta Comarca e actual e ilustre Juiz da Comarca de Aveiro.

Também esteve com sua esposa nesta cidade o nosso prezado amigo sr. eng.º Fernando A. Flores de Matos Chaves.

Com sua esposa partiu para as suas propriedades da Longra o nosso bom amigo sr. Joaquim Teixeira da Costa.

Regressou de Lisboa, o nosso prezado camarada e amigo sr. João de Deus Pereira.

Com sua família partiu para Lisboa, onde fixara residência, o ilustre advogado e nosso prezado amigo sr. dr. António Carlos Fernandes Lima.

Partiu com pouca demora para Lisboa, o nosso prezado amigo sr. António Faria Martins.

Esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. Manuel Soares Moreira Guimarães.

Enfermos

Tem passado bastante incomodado o nosso prezado amigo sr. Domingos Alves Ferreira.

Continua doente o nosso prezado amigo sr. Francisco da Silva Martinho, conceituado comerciante na Vila das Taipas.

Coronel Armando Nery Teixeira, antigo Governador Civil do Distrito.

Tem experimentado sensíveis melhoras o nosso querido amigo prof. sr. José Luís de Pina.

Tem passado algo adoentada a esposa do nosso prezado amigo sr. Luís Gonzaga F. de Carvalho.

Desejamos sobreve e completos restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

D. Maria de Silva Leite

Faleceu há dias em Cepães (Fafe) onde residia, esta bondosa senhora, irmã das sr.ªs D. Lina da Silva Leite Guimarães e D. Laurinda da Silva Leite e dos srs. Joaquim da Silva Leite e João Guilherme da Silva Leite.

O seu funeral realizado naquela freguesia, na 4.ª-feira, esteve muito concorrido.

A família dorida apresentamos sentidas condolências.

Coronel António Alves Viana

Faleceu em Lisboa, onde residia, o sr. Coronel António Alves Viana, que contava 75 anos e residiu durante muitos anos em Guimarães, tendo sido Governador Civil do Porto. Era casado com a sr.ª D. Benilde Aguiar Viana, e cunhado dos srs. Luís Teixeira de Aguiar e Sebastião Teixeira de Aguiar.

Apresentamos condolências à família dorida.

Vida Católica

Domingo 1.º da Quaresma. Missa própria, sem Glória. Credo. Prefácio da Quaresma.

Paramentos de cor roxa.

N. S.ª de Lourdes da Penha

No passado domingo, realizou-se como fôra anunciado, uma romagem à gruta de N. S.ª de Lourdes na Penha, que atraiu ali inúmeras pessoas que foram prestar sentida homenagem à Virgem na passagem do primeiro centenário das aparições em Lourdes.

Apesar do tempo neste dia se apresentar duvidoso, não fez esmorecer a devoção e o fervor das pessoas crentes da nossa cidade e concelho, ali indo várias representações de congregações Marianas e outros organismos da acção católica.

Pelas 11 horas foi celebrada a Santa Missa, tendo-se abeirado da Sagrada Comunhão inúmeras pessoas. No final e depois de fervorosas evocações, foi dada a Bênção do Santíssimo à multidão, que depois acompanhou em procissão o Santíssimo Sacramento ao Santuário.

Comunhão Pascal

Na Igreja Paroquial de S. Paio, realiza-se hoje a Comunhão Pascal Colectiva, das crianças, lobitos e escutas da freguesia, na Missa das 8 horas.

Conselho Municipal

Reuniu no dia 15 o Conselho Municipal sob a presidência do sr. dr. José Maria de Castro Ferreira, que depois de cumprimentar os srs. Conselheiros, apreciando toda a sua valiosa cooperação, se congratulou com a presença do sr. José de Oliveira Pinto, que há muito tempo se encontrava doente, motivo por que esteve afastado dos assuntos municipais. Seguidamente foi apresentado à discussão o Relatório da Gerência da Câmara do ano findo, que foi aprovado.

Filosofia... tabelada

Há um certo ponto de semelhança, entre um clérigo e um empregado bancário: — o clérigo, porque sabe de nossos pecados; e o empregado bancário, porque também sabe... de nossas misérias...

As criaturas mais amigas dos sapateiros, são os «cravas» profissionais: — devido às solas que os credores gastam... a correr-lhes para a porta...

Os relógios nunca nos mostram as horas que, na realidade, são: — mas sim a lembrança daquelas que a nossa ansiedade desejava que fossem... ou não fossem...

Em certos enterros vespertinos, na ida acompanha-se o cadáver ao cemitério; e, na volta, visitam-se... as «capelinhas»...

Verdade — Palavra com três sílabas, de grande significado moral, mas que, a maior parte das vezes, apenas se pode usar... açamada!...

DOREX.

TIRO AO ALVO

Por ALEX.

O meu caro Director, E' para si que eu avanço; Mas... cordeal — sim senhor... ... Tenho a arma em descanso...

E' que falar-lhe eu desejo, A sós — sem ninguém ouvir: — P'la cidade muito vejo Encaixotado... e a cair!...

Que vem a ser tudo isto?!... — Minha arma vou carregar! — Se não compõem... 'stá visto: — Começo a disparar.

— ? — Sossega, atirador... Vai ficar tudo — um amor!

Teatro Desmontável

A Companhia Rafael de Oliveira, apresenta:

Hoje, domingo, 23

A peça em 7 quadros de Camilo Castelo Branco

AMOR DE PERDIÇÃO

Segunda-feira, 24

A extraordinária peça em 3 actos e 9 quadros de Joracy Camargo

DEUS LHE PAGUE

Quarta-feira, 26

A alta comédia do dr. Ramada Curto

A Cadeira da Verdade

Sexta-feira, 28

A encantadora peça em 4 actos de George Sand

O Marquês de Villmer

105 Não sofra mais de

Hernia

(QUEBRADURAS) Experimente a suavidade e segurança que lhe oferece o novo sistema de contensão, exclusivo das FUNDAS E CINTAS

BARRÈRE DE PARIS

Aproveitando a passagem do Especialista Barrère em MARÇO

Guimarães... dia 8 Farmácia Nobel Ensaios e catálogos grátis Instituto Barrère de Portugal LISBOA R. Nova da Trindade, 6-1.º Tel. 24168



BULEX

Agora que o Gazcidia baixou de preço, resolva-se V. Ex.ª a adquirir para a sua casa um esquentador Bulex, de procedência Belga, o qual pode ser colocado em qualquer sítio, como: Consultórios médicos e dentários, cabeleiros, cozinhas, casas de banho, etc., etc.

Com estes extraordinários aparelhos, damos-lhe água quente em 30 SEGUNDOS.

Vendemos com facilidades de pagamento. Faça V. Ex.ª uma troca de impressões com os Agentes Exclusivos no Concelho:

Reinaldo & Guise, L.ª
Rua D. João I, 15-B Telefone 4402 p. f. GUIMARÃES



Senhores Proprietários de carros ligeiros e pesados: — Precisam de mandar rechapar ou recauchutar os pneus dos seus veículos? Não façam falsas economias e sigam o melhor caminho. A Recauchutagem ARAUTO executa os trabalhos de RECHAPAGEM RECAUCHUTAGEM VULCANIZAÇÃO

Garantia — Perfeição — Rapidez.

ALMEIDA & CARVALHO, L.ª
Largo do Cidade, n.º 8 (à Rua de Couros) — Tel. 4260 GUIMARÃES

Teatro Jordão

APRESENTA

HOJE, 23 e 24 e 25 e 26 e 27 e 28 e 29 e 30 e 31 de Março

Pierre Brasseur — Dany Carrel em

PORTA DOS LILASES

Terça-feira, 25 -- 26 e 27 e 28 e 29 e 30 e 31 de Março

George Sanders — Yvonne de Carlo em

Amores de um canalha

Quinta-feira, 27 -- 28 e 29 e 30 e 31 de Março

Libertad Lamarque — Pedro Infante em

ANSIEDADE

Sábado, 1.º -- 2.º e 3.º e 4.º e 5.º e 6.º e 7.º e 8.º e 9.º e 10.º e 11.º e 12.º e 13.º e 14.º e 15.º e 16.º e 17.º e 18.º e 19.º e 20.º e 21.º e 22.º e 23.º e 24.º e 25.º e 26.º e 27.º e 28.º e 29.º e 30.º e 31.º de Março

Deborah Kerr — Stewart Granger em

As minas de Salomão

115 (Espectáculo para maiores de 12 anos)

Declaração

Tendo vindo publicado no Boletim da Agência Geral de Informações, relativo ao mês de Janeiro de 1958, um protesto da importância de Esc. 3.000\$00, em que intervêm como sacador a firma Drogaria Tiago da Costa, do Porto, e como sacado Francisco da Silva, de Moreira de Cónegos, estabelecimentos de materiais de construção.

Para salvaguarda do seu bom nome, vimos comunicar-lhe que, na verdade, aquele nosso saque protestado nada tem que ver com V. S.ª, sendo simples coincidência de nomes iguais.

Com a máxima consideração nos subscrevemos

De V. S.ª
Atenciosamente,
Drogaria Tiago da Costa
Alfredo P. Vasconcelos.

DESPORTO

A Maratona do Futebol Nacional

Vitória, 3 — Vianense, 1

O título de «campeão da Zona Norte» já não pode ser para outra equipa senão para a do Vitória

Prestes a findar esta fase da Maratona, ela não deixa os seus créditos por mãos alheias. As dificuldades da competição continuam a evidenciar-se e a trazerem, como sua consequência, as já tradicionais surpresas. Nesta jornada as de maior tómo foram o triunfo do Marinhense no Bessa e a derrota do Tirsense no seu próprio campo, colocando-o numa posição das mais contingentes. Mas registemos os resultados gerais da jornada:

Vitória, 3-Vianense, 1; Tirsense, 0-Leixões, 1; Peniche, 3-Vila Real, 0; Leões, 2-Gil Vicente, 0; Chaves, 3-Sanjoanense, 1; Boavista, 0-Marinhense, 1; e Covilhã, 4-Espinho, 2.

Com os resultados desta jornada, já ninguém pode tirar o primeiro lugar da Zona Norte à equipa do Vitória. Encontra-se firme na sua posição, podendo perder os dois jogos que lhe falta fazer, sem qualquer contingência imediata.

A tranquilidade da equipa é assim total e absoluta. Pode, na realidade, viver descansada as semanas que se seguem até ao início da fase final. Isto aparenta-se nos um ótimo tónico para a equipa vimaranense. A preparação meiodizada que lhe vai ser agora ministrada, no sossego que a sua classificação lhe possibilita, deve contribuir eficazmente para a sua conduta no período decisivo que se lhe vai seguir.

Os adeptos devem também, como a própria equipa, descansarem nas suas cogitações, dando-lhe aquela tranquilidade que ela bem precisa. Repara-se, sem esforço, que a equipa do Vitória se encontra pouco saturada com os jogos já decorridos desta fase. E isso deve-se incontestavelmente à facilidade com que ela se guindou ao mais alto lugar da tabela e, por tal feito, deixou de merecer dos adeptos as críticas azedas que as más exhibições sempre acarretam.

Julgamos estar no conhecimento de que, nos dois jogos que se vão seguir e que nada influirão na classificação da equipa vimaranense para esta fase, vários jogadores vão ter direito a merecido descanso e por isso o rendimento global do conjunto do Vitória deve naturalmente ressentir-se. Assim, qualquer resultado deve encarar-se como contingência normal, dadas as circunstâncias que nele necessariamente podem influir.

O jogo contra o Vianense já foi encarado pela equipa do Vitória dentro do clima que atrás mencionamos, embora só depois dele a garantia do primeiro lugar estivesse alcançada. Porém a circunstância de se terem feito inicialmente dois golos de rajada e se ter dado a lesão de Romeu, que foi aviso bem sentido por todos os seus colegas quanto à garantia da sua integridade física, obrigou a equipa a encarar o encontro dentro do sentido que ventilamos.

Porém a equipa do Vitória, mesmo não se exibindo em grande nível, ficou a dever diversos golos a si própria. A aspreza do adversário, deseioso de um resultado que o libertasse da zona perigosa em que vive, também não deixou de influir no espírito dos jogadores vimaranenses. Daí, certa falta de afoiteza em determinados lances, naqueles até em que o golo parecia eminente.

Justificada desta maneira a exibição do Vitória, é de mencionar o realce das actuações de Abel e Daniel na defesa e de Ernesto e Rola no ataque.

Ficha do jogo — Vitória: Sebastião, Daniel e Abel; Barros, Vir-

gílio e João da Costa; Bartolo, Romeu, Ernesto, Cívico e Rola. Vianense: Desidério, Lomba e Adriano; Fragoso, Melo e Chaves; Oliveira, Gines, Cestillo, Monjarim e Palhares. Arbitragem de Francisco Guerra, do Porto.

Os golos do Vitória foram obtidos, dois por Ernesto e um por Romeu, e o do Vianense por Chaves.

A jornada de hoje engloba os encontros seguintes: Vitória-Espinho; Vianense-Tirsense; Leixões-Peniche; Vila Real-Leões; Gil Vicente - Chaves; Sanjoanense-Boavista; e Marinhense-Covilhã.

O encontro de hoje na Amora-sa, se se realizasse há algumas jornadas atrás, seria rodeado da maior expectativa, dada a carreira de então do Espinho na Prova. Agora é sómente um jogo que se tem de fazer, para completar o calendário respeitante a esta fase. Porém o Espinho é equipa que há-de agradar ver-se, até em homenagem ao seu esforço durante longo período da competição. O Vitória deve vencer o encontro, mas para isso entendemos necessário esforço global da equipa e sobretudo compreensão e apoio dos seus adeptos.

L. R.

Bilhetes de boa vontade

Continuando a sua campanha de conseguir para o Vitória meios capazes de permitir o seu engrandecimento, cada vez em maior escala, a Comissão de Auxílio da Colectividade pôde mais uma vez, no jogo de hoje, à venda os «Bilhetes de Boa Vontade», que, como de costume, darão direito a brindes valiosos.

A eliminatória de Guimarães para a «Grande Prova de Iniciação em Ciclismo»

Como já aqui noticiámos, vai realizar-se na nossa cidade, no dia 2 de Março, uma eliminatória da Prova Nacional de Divulgação Ciclística, promovida pela Federação Portuguesa da modalidade.

A Comissão de Auxílio do Vitória, com a ajuda de mais alguns vimaranenses, e com o patrocínio da Câmara Municipal, tem trabalhado dedicadamente no sentido de que a prova de Guimarães corresponda totalmente à iniciativa da Federação.

Já está estudado o percurso, que será através das ruas da cidade, com partida e chegada ao Largo do Toural, com a intenção de ser também feita a propaganda da modalidade eficientemente no nosso meio.

A competição podem concorrer iniciados da modalidade, com

20.000 pés de Oliveira

Tem para venda, em viveiro, prontas a transplantar, a Quinta da Quintão, em Negrelos, (telefone n.º 27) de Alberto Pimenta Machado. Ali se prestam indicações, vendendo-se qualquer quantidade. 58

Rádios, de diversas marcas

Gira-discos, Discos, Ferros, Aquecedores, Candeeiros e todo o material eléctrico. Grandes facilidades de pagamento. Oficina de reparações.

Almeida & Marques, L.ª
RUA DA RAINHA, 38-40

Mário Ferreira
ADVOGADO
Rua Dr. Avelino Germano 98-1.º E.
71 GUIMARAES

Assinal o NOTÍCIAS de GUIMARAES

idade entre os 18 e os 20 anos. Podem inscrever-se individualmente ou em representação de clubes, mas todos devem ter a sua residência no nosso concelho.

As inscrições estão abertas na Cervejaria Martins e na sede do Vitória, e fecham impreterivelmente no próximo dia 26 do corrente.

Haverá prémios para os cinco primeiros classificados. Além destes espera-se a colaboração do comércio local, especialmente do da especialidade, para prémios particulares nas várias voltas do percurso. Haverá ainda uma Taça a atribuir à equipa primeira classificada ou, no caso desta não existir no final da participação, ao clube a que pertencer o vencedor da Prova.

Esperamos assim, ver em Guimarães, uma nova modalidade desportiva, numa competição cheia do maior interesse, a qual sómente não se realizará se não houver concorrentes inscritos em número suficiente.

Conversando com Ele...

Por ter estado ausente de Guimarães, nos primeiros dias desta semana, o nosso prezado amigo sr. Fernando Vaz, não nos é possível publicar hoje a habitual entrevista com ele, do que pedimos inenusa desculpa aos nossos leitores.

Relatório e Contas da Conferência de S. Vicente de Paulo, da freguesia de N. S. da Oliveira

(Secção Senhoras)

Ao concluirmos o balanço da nossa Conferência verifica-se um pequeno deficit que, atendendo à pequenez da instituição, é motivo para nos entristecer e amargar. Esta amargura e esta tristeza, nem por isso nos desalenta e vai servir para melhor nos decidirmos a trabalhar e, confiando na Providência, ganharmos coragem.

Apesar de durante o ano notarmos que o cofre se ia esvaziando, e a receita não era compensadora, nem por isso deixamos de atender às necessidades mais urgentes e acudirmos apressadas à pobreza e à miséria.

Sendo assim, fomos distribuindo, durante o ano, dinheiro para rendas de casa, remédios, casos afilivos, legitimando também vários casamentos.

Em pão distribuímos semanalmente aproximadamente 20 quilos. Protegemos do frio, doentes, velhos e crianças, distribuindo roupas e agasalhos em grande número. Conseguimos mandar para a Praia 40 crianças, internamos um rapazinho nas Oficinas de S. José.

Fomos auxiliados em toda esta campanha de bem fazer pela Ex.ª Câmara, Junta de Província do Minho e Comissão Municipal de Assistência.

O Centro Paroquial recebe roupas usadas, retalhos, peças de pano, flanela e coisas várias; para resolver a solução dos concertos e confecções, dispusemo-nos a fazer umas reuniões semanais em casa de uma senhora que generosamente a ofereceu, trabalhando cada uma as horas que pode, o que foi bem acolhido por todos, resultando daí um benefício bem merecido para as nossas pobres.

Depois de resumidamente relatar o que fez esta modesta instituição, só nos resta agradecer a todos quantos nos ajudaram, pedindo aos nossos subscritores e benfeitores, muita caridade, muita generosidade, a bem das pobres-nhas que muito precisam do nosso carinho e auxílio.

Para todos imploramos as graças de Deus e as bênçãos do Céu.

Receitas	
Colectas nas sessões	366870
Subscritores	4.755000
Diversas	4.088900
Saldo anterior	9.210560
	2.623890
	11.834750
Despesas	
Rendas de casa	5.770500
Pão e vários géneros	2.144850
Esm. extraordinárias e remédios	3.795850
Com o culto	140000
Boletim	20000
Oferta ao Conselho	110850
Deficit	146000
	11.834850

Guimarães, Fevereiro-1958.

A DIRECÇÃO.

Os poços descobertos são ratoeiras humanas

Com uma frequência impressionante, continuam os jornais a relatar a morte horrórida de inúmeras pessoas afogadas no interior de poços que não dispõem do necessário e indispensável resguardo ou cobertura.

Desde as crianças de 2 e 3 anos, aos homens e mulheres de avançada idade, na labuta árdua do amanhar das terras, nas suas actividades domésticas ou no simples trajecto através dos campos, todos têm pago e continuam a pagar, com o pesado tributo das suas vidas, este criminoso desleixo.

Ainda há bem pouco tempo, computava-se em centenas o número de pessoas que anualmente morriam afogadas nos poços! E' claro que num país como o nosso, com uma população progressiva de 8.000.000 de habitantes, pouco importa que morram a mais aqueles que não têm a menor culpa de tão calamitosas incúrias, pois já é velho o ditado que os cemitérios nunca rejeitaram defuntos. Pelo menos, assim poderão pensar os proprietários dos inúmeros poços que de Norte a Sul do País, se encontram descobertos e sem resguardo, numa afronta descarada àquilo que cada um de nós tem mais de precioso — a vida.

Não é certamente para morrer afogado dentro de um poço, que uma mãe cria um filho e lhe dedica todos os carinhos e afectos.

Nos recuados tempos das catacumbas, e da pedra lascada, compreendia-se que a vida rudimentar de então, não impusesse certas medidas, ainda que elementares, de protecção da vida humana. Hoje não se compreende nem justifica tamanha incúria.

As novas concepções de vida juntaram-se o valor, a importância e a dignidade da pessoa humana, que não pode, de forma alguma, estar à mercê de caprichos e falta de senso de quem quer que seja.

E' certo que há alguns anos — em 1944 — foi publicado um regulamento que proibia a existência de poços descobertos no distrito do Porto. Nos distritos de Leiria, Coimbra, Viana do Castelo e outros também se esboçaram movimentos idênticos, destinados a pôr termo às sinistras ratoeiras humanas. Por outro lado a imprensa nunca deixou de chamar a atenção para tão grande mal, sobretudo pela pena do esclarecido e saudoso Paulo Freire.

Mas o nosso povo, que sabe ser generoso e sentimental, também não deixa de manifestar uma acentuada rebeldia quando se trata de cumprir determinações oficiais. No caso dos poços descobertos ou sem resguardo, bem se pode dizer que a teimosia e imprudência puderam mais que a lei. O mal continua latente, lançando todas as semanas para os cemitérios, as suas vítimas.

Se os proprietários dos poços suicida que se espelham pelo país, fossem monetária e criminalmente responsáveis pelas vidas que se perdem, certamente teriam mais cuidado em resguardá-los, acautelando, assim, a vida dos seus familiares e até dos seus gados.

E' preciso levar à consciência dessas pessoas, por meios persuasivos e convincentes, a consciência de tamanho mal e a necessidade premente e inadiável de lhe pôr termo.

Em cada pessoa inteligente, em cada cidadão esclarecido, o criminoso desmazelo dos poços descobertos pode e deve ter um acérrimo combatente, que lhe dê luta sem tréguas até ao seu total desaparecimento.

A vida humana, por muito depreciada que esteja, bem merece essa diligência de todos.

ALTA SAPATARIA

Calçado de reputadas marcas, aos melhores preços.

Também se executa por medida, com rapidez e perfeição. 101

SAPATARIA IMPÉRIO
TOURAL — Telef. 4395

Oficina especializada

Para reparações em Rádios e toda a aparelhagem eléctrica.

Montagens e reparações de receptores em automóveis.

Almeida & Marques, L.ª
RUA DA RAINHA, 38-40

Quinta

Vende-se na freguesia de Atães, deste concelho, a quinta denominada *Cancela*, paga de renda seis carros de medidas aproximadamente. Nesta redacção se diz. 87

hérnia
O célebre especialista internacional
INSTITUT HERNIAIRE DE LYON

garante-vos o sucesso rápido e definitivo, graças ao método moderno, sem mola e sem pelota

MYOPLASTIC-KLÉBER

Leve, ligeira, lavável, este verdadeiro «músculo de socorro» reforça a parede abdominal e contém a hérnia no seu lugar

Como se fosse com as mãos

VINDE FAZER UM ENSAIO, FICAREIS MARAVILHADOS.

GUIMARAES — Farmácia Hórus — Largo do Toural, DIA 4 DE MARÇO.

BRAGA — Farmácia Roma — Rua dos Chãos, 111, DIA 8 DE MARÇO. 112

«O S. Nicolau dos Estudantes»

Tradições escolares de Guimarães

Por A. L. de Carvalho

À VENDA NAS LIVRARIAS

Adella de Sena Parteira diplomada — Travessa da Avenida Conde de Marquês — Guimarães. 109

J. MONTENEGRO
ELECTRICIDADE E MÁQUINAS
BOBINAGENS DE MOTORES
Telef. 4510 GUIMARAES

Oficinas de Relojoaria S. Dâmaso
Laboratório Rádio Electrónico
Montagens, Instalação, Ajuste, Consertos de Rádio-Receptores e Televisão e Antenas especiais.
Orçamentos grátis. Preços sem concorrência.
TÉCNICO DIPLOMADO
Rua de Santo António, n.º 169 — GUIMARAES

EXPLICAÇÕES PARA O CURSO LICEAL
A Meninas e Rapazes
Dá Senhora com o 2.º ano de Medicina:
1.º e 2.º Ciclos — Todas as disciplinas;
3.º Ciclo — Matemática, Ciências Naturais e Ciências Físico-Químicas.
AV. CÓNEGO GASPAR ESTAÇO, CASA R — 1.º. ESQ.º
GUIMARAES

AMÍLCAR-Fotógrafo

Acaba de instalar o seu atelier, com a mais moderna aparelhagem, ao Largo 28 de Maio, onde espera a visita dos seus estimados clientes e amigos.

Fotografias em todos os géneros — Máquinas, Rolos, Albuns — Fotocópias e Acabamento de trabalhos aos amadores. 85

Canetas de Tinta permanente
Completo sortido de todas as marcas e para todos os preços
Vendas a pronto e a prestações com bônus
CASA DAS NOVIDADES
RUA DA RAINHA Telef. 4550 GUIMARAES

Ofertas e Procuras

Casas Em Urgeses, alugam-se à beira da estrada. Falar na Cervejaria Martins — Largo do Toural. 62

Explicações De Matemática, dá licenciado em matemáticas, com longa prática, a todos os ciclos do Liceu e aptidão às Universidades. De Inglês e Alemão, dá licenciada em Germânicas. Informa-se na Rua de S. Damáso, 51. 24

Casa com jardim e horta Vende-se ou aluga-se, com frente para a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra e Rua Abade de Tagilde. Tratar com João Ribeiro Dias Júnior — Rua da Rainha D. Maria II, 132. 88

Vende-se Prédio de 3 andares na Avenida de D. Afonso Henriques. Informa esta redacção. 84

CAIXOTES VAZIOS VENDE
Pedro da Silva Freitas — Rua S. António, 13 — Guimarães. 82

Aluga-se Rés-do-chão com 4 divisões no campo Salvador, Cano de Cima n.º 34. Nesta redacção se informa. 79

Casas, em Creixomil
Vendem-se três moradas, em separado, e parte de um campo. Ver e tratar com Manuel Fernandes — Cruzeiro — Brito — Guimarães.